



OXI DE AGOSTO

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO

DIRETOR RESPONSÁVEL: LUIZ CARLOS PEREIRA BARRETO

Administração: RUA DO RIACHUELO, 275 - 11.º and. - salas 1.108/1.109 - Tel.: 36-7060

ANO IV

ARCADAS, 7 DE JUNHO DE 1955

N.º 3

Centros Acadêmicos

LUIZ CARLOS PEREIRA BARRETO

Já de há muito ultrapassado o período em que os estudantes, por ausência de atividades outras que não as escolares, tinham sempre oportunidade de participar de qualquer manifestação, impõe-se agora que órgãos oficiais, com dirigentes democraticamente escolhidos pelos próprios estudantes, fa-lem por eles e os representem sempre que necessário.

Se assim não fôsse, correríamos o risco de ver sufocada a voz da classe estudantil, ao impacto das manifestações de outras classes, congregadas em órgãos representativos, cuja coligação dá-lhes uma força quase que incontestável. Dessa possibilidade de coligação, decorre uma necessidade absoluta: a harmonia entre os centros acadêmicos. Incompreensível seria que se estivessem a hostilizar, enfraquecendo-se, contun-dendo-se, anulando-se. Todavia, para que se mantenha essa harmonia, não se faz necessária absoluta ilentidade de idéias: po-derão os centros acadêmicos adotar diferentes idéias com res-peito a forma de governo, pode-rão pensar diversamente no que respeita à solução dos magnos problemas nacionais, e nada se opõe a que se coloquem em campos diferentes, nas disputas travadas pela liderança dos órgãos representativos das clas-ses estudantis: tulo isto se ad-mite.

E' necessário tão somente, jamais postergar as normas de respeito mútuo e nunca deixar-se arrastar nas malhas da paixão para os abismos da intriga, do desrespeito, da oposição indigna.

Felizmente para nós estudantes brasileiros, e momente paulistas, nem no ardor das mais acirradas disputas têm-se manifestado forças deletérias da harmonia, e as campanhas em que se têm empenhado os Centros Acadêmicos, caracte-rizadas sempre pela elevação no trato entre os contendores, têm contribuído muito para acentuar o espírito de fraternidade entre as agremiações.

Sempre que a voz da Pátria clamou pela ação desassombra-da dos moços, encontrou nos estudantes de São Paulo o mais retumbante eco. Nem por uma vez, qualquer entidade universitária foi presa do egoísmo ou do recalque, e procurou sobrepôr o interesse próprio ao bem nacional.

Fortes porque unidos e unidos porque imanados no ideal assim estarão sempre os centros acadêmicos paulistas, prontos a marcharem juntos até à luta e a juntos lutarem até o extremo sacrifício, para legar às gerações vindouras uma Pátria, rica, respeitada e, sobretudo, orgulhosa da dedicação de seus filhos.

HOMENAGEADO O PROFESSOR WALDEMAR FERREIRA

Em sessão solene realizada, no dia 9 de maio passado, na Sala do Estudante, tomou posse a nova Diretoria da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. A nova Diretoria daquele instituto ficou assim constituída: Roberto Victor Cordeiro, presidente; Francisco Emygdio Pereira Neto, vice-presidente; Armando Marcondes Machado Jr., secretário-geral; Frederico José da Silva Ramos, 1.º secretário; Luiz Carlos Pereira Barreto, 2.º secretário; Silvio de Campos Mello Filho, 1.º tezuzeiro; Augusto Cesar do Nascimento Neto, 2.º tezuzeiro. Durante a solenidade, foi prestada homenagem ao Professor Waldemar Ferreira, Catedrático de Direito Comercial do Curso de Bacharelado e de História do Direito Nacional, do Curso de Doutorado, que, atingindo, neste ano, o limite de idade, deverá aposentar-se, deixando o convívio dos moços do Largo de S. Francisco.

A Mesa que dirigiu os trabalhos tiveram assento altas personalidades, tendo usado da palavra, em nome da Diretoria eleita o dr. Roberto Victor Cordeiro. Em seguida, pro-cedeu-se à homenagem que se efetuou num clima de amizade dos estudantes pelo Mestre que se despedirá das Arcadas.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS ROBERTO VICTOR CORDEIRO

"Se os títulos exigidos para merecer este posto que agora me é confiado, de presidente da ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO, fossem os decorrentes do mérito e do relevo intelectual obtido no seio da classe a que pertencemos, seria eu o último a desejar ocupá-lo, tão compacto sinto em torno de mim esse friso de valores gerados por esse seminário da cultura jurídica e política do país que é a nossa Faculdade.

Mas se para ascender a esta culminada representativa, o título preeminente é o do amor e o da dedicação pela Academia e pelo seu espírito, eu o reivindicó e ocupo esta cadeira com orgulho, pois nunca admiti ascendências ou superioridades neste campo do fervor e do respeito às velhas Arcadas.

De qualquer forma, porém, é com emoção que recebo neste instante, das mãos do Senador Cesar Vergueiro — o mais "ex-aluno" de nós todos, pela fidelidade com que cultivou na vida social e pública esse espírito de cordialidade e de camaradagem que é característico da Academia — é emocionado que recebo as responsabilidades e as honras desta presidência, nobilitada pela presença de

«O magistério tem o misterioso sabor do sacerdócio para o professor por vocação» — O discurso do Prof. Amaral Santos — Posse da nova Diretoria da Associação dos Antigos Alunos

grandes nomes que a ocuparam. Esta Associação, nascida para defender o passado e o presente da Academia, já tem, ela mesma, um passado a defender e um presente a afirmar com obras e realizações. 25 anos, um quarto de século, já é um segmento respeitável de tempo. Esta a data que comemoraremos

ção docente que brotou da fonte de CRISPINIANO, de CAR-RÃO, de RAMALHO, de BRO-TERO e de JOSE' BONIFÁ-CIO, e foi alimentada por gente da fibra de JOÃO MENDES, PEDRO LESSA, ALCANTA-RA MACHADO e WALDEMAR FERREIRA, para só também apontar alguns nomes entre tantos, se, de tôdas essas ma-



Na pessoa de WALDEMAR FERREIRA, os moços homenagearam um símbolo de hombridade, de cultura e de patriotismo.

o ano próximo, e para cujas festas desde já convocamos os nossos sócios. Não é um quarto centenário, como foi o da nossa querida cidade, mas é pelo menos um quarto de centenário, e esta simples aproximação fonética já nos envaidece.

Esta Associação é o "XI DE AGOSTO" dos bacharéis. O seu sentido, porém, além do da defesa da classe acadêmica e das necessidades práticas da Academia, que é a principal missão do "XI DE AGOSTO" dos bacharelandos, é o de afirmar o espírito da Academia e não somente a eternidade do seu corpo.

Ora, o que é o espírito da Academia? Esse espírito deixou, há mais de um século, de ser uma mera aspiração. O espírito da Academia foi concretizado na atitude assumida por ex-alunos das Arcadas no cenário da vida brasileira, no segundo império e em toda a história da República. Se na aspiração política de RUY delimitando os contornos do respeito à liberdade e ao direito, no campo da vida pública do Brasil; se no sonho de RIO BRANCO, dando eternidade à nossa geografia continental; se na capacidade administrativa de RODRIGUES ALVES, CAMPOS SALLES e PRUDENTE DE MORAES, fundadores do nosso governo do tipo republicano; se na postura humana de um JOAQUIM NABUCO, de um RANGEL PESTANA, de um TEOFILO OTONI, de um AFONSO PENA, de um BRASÍLIO MACHADO, de um ALTI-NO ARANTES, para só citar poucos exemplos; se na pre-gnifitações, extrairmos um espí-

rito que lhes é comum, um sentido de comportamento individual e uma ética pública, não estaremos fazendo outra coisa senão definir o espírito da Academia.

E é esse espírito que cabe ser explicado e afirmado por esta Associação. E mais do que nunca, como neste instante, em que, ainda uma vez, a ardua experiência democrática brasileira, incentiva as cassandras do pessimismo nacional, engrossadas pela legião dos incon-cientes e dos noviciados, para formar o coro dos que descreem da sorte do regime.

Um regime não é dado pron-

to a nação alguma. Ele é fruto de uma interação entre povo e país, entre realidade e fórmula, entre aspiração e instituição, o destruir o corpo porque seus órgãos estão doentes, apesar de sabermos a terapêutica aplicável, é a clínica dos charlatães da anarquia e da confusão.

Parece-nos que a mensagem da Academia não mudou. Ela quer que o país viva na liberdade e sob a disciplina da lei. Os dois termos da mensagem, que na voz e nos ensinamentos da Academia se perpetuam, são incontestavelmente a liberdade e a lei. A liberdade como elemento de progresso, como condição de iniciativa e renovação, e a lei como fator de segurança, e a lei como fator de justiça no sentido de dar a cada um o que é seu.

Desse consórcio da liberdade com a lei, de resultado a ordem conveniente a homens livres e não escravos, a ordem constitucional como a consagra a experiência da vida democrática, isto é, o poder do Estado limitado pelo direito, e os direitos e deveres dos cidadãos disciplinados pela lei. Cada país terá necessariamente de viver sua experiência política porém nenhum resultado feliz de tal experiência se logrará se os indivíduos não colocarem a serviço dos ideais, que os guiam, as virtudes da inteligência e as determinações do caráter.

Nada acontece no campo político e social sem o decisivo concurso das vontades individuais.

Para que exista democracia, é necessário, antes de tudo, que cada um de nós seja um verdadeiro democrata. Para que o teor da vida nacional seja elevado, mister se faz que cada um de nós cumpra honradamente suas obrigações cívicas.

Mas o dever de ser verdadeiro e correto, o dever de não fazer à vida nacional com as ma-

nifestações de vontade, de caráter, de espírito público, esse dever recai de maneira muito especial sobre as elites, sobre as classes dirigentes, sobre os governantes.

Não há nação que possa prescindir de uma liderança intelectual e moralmente capacitada. As crises são sempre agravadas pela falta ou pela má qualidade da liderança de que o país dispõe. A reconstrução, a recuperação, a prática leal das instituições, o exercício dos mandatos representativos, tudo se ressentem e cai de nível quando a liderança das classes dirigentes não está à altura da missão que deveriam desempenhar, porque falta à generalidade ou à maioria dos indivíduos, que compõem essas classes dirigentes, aquela dose de espírito de sacrifício, de dedicação à causa pública, de preparo moral e intelectual indispensáveis ao bom andamento da vida nacional.

Homens formados sob as influências do direito, homens de vocação jurídica, nós, antigos alunos da mais antiga Academia jurídica do país, temos também nosso papel a desempenhar no conjunto da vida paulista e brasileira. Esse papel afigura-se-me ser, antes de tudo, o de concorrer com nosso esforço, com nossa vontade e nosso caráter para que o nível da liderança nacional não se abaixe, mas antes, se mantenha nas alturas indispensáveis à missão que lhe é atribuída.

Nossa Associação constitui-se, pela sua natureza, um centro especialmente dedicado ao cultivo daquelas qualidades, que convertem o indivíduo num elemento militante e ativo da vida pública nacional.

Tomando como ponto de referência, a velha Faculdade, a alma-mater, nosso pensamento não pode deixar de elevar-se até tornar-se um pensamento político, isto é, um pensamento preocupado com o bem comum.

Temos como prova desse pensamento que se fez instrumento do bem comum, do pensamento que se imolou ao exemplo democrático, a vigilância diuturna em prol da liberdade política no Brasil, temos como arquétipo humano que a Academia oferece neste instante ao Brasil, o nome de WALDEMAR FERREIRA, que

(Conclui na pág. 4)

Acolhida Pelo Governador

Janio Quadros Uma Sugestão do C. A. XI de Agosto

O Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto enviou ao Governador do Estado um ofício no qual sugeria a criação do cargo de estagiário no Departamento Jurídico do Estado a ser preenchido e 5.º ano do Curso de Bacharelado. Tal medida visa proporcionar aos estudantes conhecimentos práticos de que necessitam para o exercício da advocacia, pois o ensino das ciências jurídicas é eminentemente teórico. Por outro lado, a criação desses cargos não os mesmos seriam gratuitos. Ao

Estudantes Estagiários no Departamento Jurídico do Estado Carta enviada ao Governador Janio Quadros pelo Presidente do Centro — O despacho do Governador

contrário, lucraria o Estado com tal medida, já que teria a vantagem de contar com eficientes e dedicados auxiliares para seus advogados.

Acompanha o referido ofício

um projeto no qual estão estipuladas, entre outras coisas, o número de vagas, o provimento de tais funções e a cessação do exercício da função.

Com grato prazer podemos noticiar ter o Governador acolhido favoravelmente o ofício, tendo exarado o seguinte despacho, encaminhando o projeto ao Secretário da Justiça:

"Dr. Marrey: Estou de acordo. Cumpre estender às outras Faculdades de Direito, e rever o projeto. Parece caso de ato executivo. São Paulo, 20 de maio de 1955. — Janio Quadros".

Projeto de criação do Clube de Cinema XI de Agosto

Entidades de todo o mundo tais como associações culturais, museus, academias de artes e ciências, centros de pesquisas, universidades, e mesmo o governo de muitos países mantêm cursos e clubes para a divulgação e estudo do cinema.

Vemos então nas grandes metrópoles, institutos como o "Centro Experimental de Cine", em Roma, a "Cinemateca Francesa", o "IDHEC" (Institut des Hautes Etudes Cinématographiques), o Instituto de Filmologia da Universidade de Sorbonne, em Paris, o "British Film Institute", de Londres, o "Museum of Modern Art Film Library de Nova York, o "Cine Universitário", de Montevideo, o "Clube Gente de Cine" em Buenos Aires e muitos outros centros ou clubes de cinema independentes ou filiados a associações e universidades, notadamente nas norte-americanas.

Entre nós, infelizmente, devido à precariedade financeira e obstáculos para aquisição das películas clássicas do cinema, as classes intelectuais não desfrutam de muitos centros, onde possam apreciar a sétima arte. Num país tão grande é de fato acabrunhado o minúsculo número de cine-clubes ora existentes, e que têm vida sempre ameaçada de colapso.

O "Cinema Universitário", patrocinado pela Reitoria da Universidade de São Paulo foi uma esperança de se proporcionar aos universitários paulistas uma aproximação do cinema verdadeiramente artístico. Sua existência, porém, foi muito breve. O ano passado, entrando em contato com o dirigente do Departamento de Cultura daquela Reitoria, o autor deste projeto se ofereceu para reiniciar as atividades daquele órgão do que foi logo dissuadido uma vez que a "exiguidade de verbas" só dava para a admissão de novos funcionários, com vistas à eleição de se aproximava.

Desaparecendo o "Centro de Estudos Cinematográficos", juntamente com o "Cinema Universitário", restou a São Paulo a "Filmoteca do Museu de Arte Moderna" — diga-se de passagem é agora uma das mais completas do mundo — que mantém sessões cinematográficas para seus associados, o cinema do "Museu de Arte", o "Cine-foto Clube Bandeirantes" e um ou outro clube de duração e regularidade incertas.

Tendo em vista a importância cultural e artística que exerce o cinema na vida moderna, certamente o Centro Acadêmico XI de Agosto, não pode ficar aparte às manifestações estéticas que o cinema suscita, e como tal poderia então instituir para seus associados um Clube de Cinema onde seria apreciada e estudada a arte do filme. O qual poderia ser estruturado e realizado na seguinte forma:

a) O Clube de Cinema XI de Agosto, devidamente constituído, assumiria o compromisso de aderir à "Campanha de Divulgação da Arte Cinematográfica" cujas bases estão contidas no anexo a este projeto.

b) Essa adesão seria combinada de uma forma que permitisse a iniciação de nossas atividades independente do início de nossa contribuição.

c) De comum acordo com a Filmoteca do Museu de Arte

Moderna, o clube se obrigaria então a fazer duas sessões cinematográficas mensais aos sócios do Centro Acadêmico XI de Agosto, gratuitas.

d) Os filmes seriam organizados numa programação prévia que obedeceria a um critério artístico e histórico da evolução do cinema.

e) Cada projeção seria precedida de uma breve apresentação feita por um crítico de cinema, ou qualquer outra pessoa de reconhecida capacidade especialmente convidada pela diretoria do clube.

f) Estando os frequentadores do clube habituados aos termos e outras preliminares do conhecimento cinematográfico, promover-se-iam debates sobre o filme após sua exibição.

g) Ao prazo de três meses após a criação do clube, os seus organizadores ficariam encarregados de realizar uma projeção semanal nos mesmos moldes das anteriores.

h) Tendo o clube aderido à "Campanha de Divulgação da Arte Cinematográfica", as suas sessões poderiam ser efetuadas no Museu de Arte Moderna que para tanto cederia sua sala, as máquinas e o operador mediante o pagamento irrisório dos serviços profissionais deste último.

i) Os filmes a serem projetados seriam obtidos pelos seguintes meios:

1 — Por adesão à "Campanha de Divulgação da Arte Cinematográfica", que nos possibilitaria a programação de 25

a 50 sessões cinematográficas.

2 — Por empréstimo às produtoras, distribuidoras, embaladoras, consulados, associações culturais, etc.

3 — Por doação de associações ou particulares.

4 — Por aluguel às empresas especializadas.

j) Os filmes obtidos por doação, bem como fotografias de filmes, livros, revistas e outros materiais sobre cinema constituiriam a Filmoteca do Clube.

k) O Clube entraria em contato com todos os outros clubes do Brasil e se possível do exterior, noticiando as suas atividades e promovendo intercâmbios de filmes.

l) Juntamente com todos os clubes nacionais incentivaria o movimento, aliás já iniciado para a criação da Federação Nacional de Clubes de Cinema que irá intervir junto ao governo para a obtenção de subvenções.

m) Em Setembro próximo, o clube se faria representar no Congresso Nacional de Clubes de Cinema a ser realizado em Aracajú sob o patrocínio da Comissão de festejos do centenário daquela cidade.

n) Na ampliação de suas atividades o clube tentaria conseguir das casas especializadas a doação de aparelhos para filmagens e projeções, permitindo assim que se registrasse cinematograficamente todos os eventos em que participa o Centro XI de Agosto.

o) No que se refere à doação orçamentária e à receita do clube estabelecer-se-ia

seguinte plano:

1 — O presidente do Centro autorizaria uma pequena verba destinada à criação do clube e início de seu funcionamento.

2 — Logo após a criação do clube, a sua diretoria se encarregaria de angariar subvenções e instituir um livro de ouro, para formar a receita e promover a sua auto-subsistência.

E aí está, em suma a organização, finalidades e os meios que se poderia dar ao Clube de Cinema na hipótese de sua instituição pelo Centro Acadêmico XI de Agosto.

São Paulo, 2 de maio de 1955
Luiz Sergio Person

Compare... e Compre Clark

Filiais em São Paulo

Rua Augusta, 2943
Rua São Bento, 264
Rua da Moóca, 1839
Rua São Caetano, 13
Av. Rangel Estana, 1767
Av. Celso Garcia, 461
Rua Quintino Bocaiuva, 238
Rua José Bonifácio, 134

Grande Sortimento de Calçados para Colegiais

Idéia infeliz

ROBERTO MAIA

Não poderia haver maior desapontamento entre os estudantes de direito com a entrevista de um membro da Ordem dos Advogados do Brasil no "Diário da Noite", 2.ª edição, do dia 4 de maio do corrente ano, tangente ao estágio obrigatório de 2 anos para os bacharelados.

Para melhor esclarecimento de verdade, permito-me ressaltar os seguintes tópicos:

"Com as novas Faculdades de Direito que estão funcionando em São Paulo, entre elas a da Universidade Mackenzie, as de Ribe-

irão Preto, Santos, Campinas, Bauru, São José dos Campos, etc., calcula-se que em 1956 o número de bacharelados ultrapasse 2.000" e conclui, então, o entrevistado: "A exigência do estágio obrigatório de 2 anos é considerada como uma necessidade para evitar uma crise na profissão".

A ninguém é lícito ignorar que a crise na profissão nasceu com a avalanche de Faculdades criadas no Interior, fruto, em sua maioria, de maquinações de políticos ávidos de popularidade, sequeiros de prestígio eleitoral, querendo cobrir-se com o rótulo de "Protetores" da Cultura", não se importando que a finalidade dessas Faculdades fosse a de formar bacharéis almejadores, simplesmente, do diploma despídos da mínima vontade de aprender.

Enganar-se-á bastante quem pense já haver passado a febre de criação de novas Faculdades, pois, ainda há pouco tempo, certo deputado, na Assembléia Legislativa, pediu enérgicas providências do governo no sentido de criar-se mais uma Faculdade de Direito, sendo aplaudido por vários colegas.

Não lhes interessa que se conspurquem e se enlameiem a cultura e os valores da pátria, pois para a obtenção de seus tenebrosos designios é essencial que se dispam de toda a carga de escrúpulos e reservas morais e se lancem fria e calculadamente na demagogia.

Dentre tantas considerações, uma indagação levanta-se inflexível:

São os discípulos das Arcadas considerados como pertencentes ou responsáveis pela onda de podridão moral e desmoralização que envolve as nossas tradições culturais?

Ninguém, em sã consciência, responderia afirmativamente.

Por que, então, se afirma que

todos os formandos estão inaptos a exercer a profissão, a não ser fazendo o estágio?

Na verdade, fazem os bacharelados desta Faculdade o curso prescrito pela lei, sendo aprovados por mestres de douta e invejável cultura.

Seria grave injustiça exigir-se 7 anos para poder começar a exercer a profissão, a rapazes que, trabalhando na maioria das vezes, desejam entrar em contato imediato com os escaninhos da hermenêutica.

O curso de Ética Profissional e Prática Jurídica preconizado para esses 2 anos adicionais poderia ser ministrado por os solicitadores acadêmicos do 4.º e 5.º ano, evitando-se, assim, a perda inútil de 2 anos após a formatura.

Não é criando impecilhos e prejudicando os estudantes em geral que se vai solucionar o complexo e grave problema todavia alertando os poderes públicos competentes do perigo da criação de Faculdades sem o mínimo requisito de ordem técnica e cultural.

A Ordem deve, pode e tem a obrigação de intervir naquelas em que fôr preciso.

Dentre as soluções coercitivas, ressaltam-se:

1 — Obrigatoriedade na frequência.

Há Faculdades em que o aluno só precisa ir uma vez por mês a fim de pagar a mensalidade.

2 — Rigorosa fiscalização dos exames para evitar-se fraudes sobejamente conhecidas.

3 — Exigência de professores idôneos e capacitados para ministrarem as aulas.

E' hora de agir, pois o vírus da podridão começa a alastrar-se pelo organismo tentando envolvê-lo com suas ventosas pestíferas.

Decepêmo-lo.

Campanha Moralizadora

Temos primado pelo lançamento de campanhas moralizadoras que não têm surtido efeito algum. E' que sempre essas campanhas se revessem de um escôpo diverso do que deveria norteá-las, razão pela qual nunca chegam a objetivar-se. O mal está em que, quase sempre, falta aos seus idealizadores idoneidade suficiente, capaz de levá-los à concretização do empreendimento. Não fôra essa carência moral e os resultados seriam certos.

No ano passado tivemos a Campanha de Moralização Nacional, que constou de alguns discursos empolados e nada mais. Absolutamente nada. O seu objetivo não foi alcançado. No entanto, fala-se, e com desmedida elegância, que fomos os batalhadores da moralização nacional. Mas que moralização, se nossa Pátria continua mergulhada num caos desmoralizante? Não conseguimos, nem mesmo, minorar esse mal que campeia e se

alastra em todos os setores de nosso regime democrático, quanto mais saná-lo. Se os acontecimentos de 24 de agosto de 1954, como querem muitos, foram uma decorrência dessa campanha — com o que não concordamos, embora não neguemos uma participação direta — isso de nada valeu, porque a situação nacional está pior do que antes. O que houve, foi uma mudança, apenas, de dirigentes, por que o sistema continua o mesmo, e com falhas mais calamitosas. Seria necessário uma reforma radical o que dificilmente se dará. Lutar por renovação de idéias, de sistemas e de princípios.

Agora foi lançada uma outra campanha: moralização dos cursos jurídicos. Aliás, muito justa e que se faz necessária, devida ao estado alarmante de desprestígio, em que se encontra a nossa carreira, como decorrência de uma orientação malsã e interesseira. Já não bastavam as Faculdades de Direito existentes, era mister que outras fossem criadas. E os nossos parlamentares, cujo único intuito é aumentar os seus colégios eleitorais, tudo facilitam nestas ocasiões, concorrendo para a instalação de novas Faculdades, que são uma afronta à dignidade da classe. Se o Brasil precisa de técnicos, como eles dizem, para que essas escolas? E' que nessas circunstâncias a facilidade é espantosa. Instala-se uma Faculdade em qualquer prédio (até mesmo anexa a uma Escola

PAULO LUCIO NAGUEIRA de Comércio) sem as acomodações necessárias, com um corpo docente deficiente e com diversas irregularidades, o que não impede a Faculdade de funcionar. Acontece ainda que os alunos não comparecem às aulas, fazem fraudulentamente os exames e no fim do ano são aprovados. Chegam ao final do curso com muita facilidade, e há o caso dos que só comparecem para receber o diploma, como coroamento de seus esforços. Tudo isso em detrimento dos que fazem regularmente o curso.

Nas Faculdades, como a nossa, onde o curso é, às vezes, normalmente ministrado, tem-se um resultado catastrófico (isso menos por culpa dos alunos, porque nas matérias verdadeiramente lecionadas, sempre se obtém algum proveito) o que diremos dessas que são autênticas aberrações?

E' necessário, portanto, que essa campanha, agora lançada, seja conduzida com carinho e com denodo para que não fique apenas em projeto como a anterior, da qual muitos se vangloriaram sem que houvessem feito alguma coisa. Fazer discursos não resolverá a questão. E' preciso agir, movimentar os responsáveis pelas instalações dessas Faculdades deficientes e impedir que outras sejam criadas. Mas isso requer ação, e até agora só temos nos contentado com palavras...

O XI DE AGOSTO

Órgão oficial do Centro Acadêmico Onze de Agosto, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

EXPEDIENTE:

REDAÇÃO: ARCADAS

Administração:

Rua Riachuelo, 275, 11.º - Sala 1108 e 1109 - Fone: 36-7060

Diretor Responsável

LUIZ CARLOS PEREIRA BARRETTO

NOTA: Os originais, mesmo não publicados, não serão devolvidos.

OS INDESEJÁVEIS DAS ARCADAS

EMILIO GONÇALVES

Peço vênia ao distinto colega Carlos Eduardo de Moura por roubar-lhe o título do magnífico artigo publicado neste jornal em Janeiro do corrente ano. É justamente sobre o mesmo assunto que me disponho a escrever. Ventilou o prezado colega no mencionado artigo um aspecto interessantíssimo do problema dos indesejáveis, caracterizando, com raro êxito, o tipo medíocre que infesta a Faculdade e descrevendo muito bem a atitude desses estudantes cujo ideal se resume em «passar de ano» e receber o diploma que, temos quase a certeza, lhes servirá para conseguir um emprego seguro em alguma repartição pública. Elementos apáticos, de todo indiferentes à vida acadêmica, talvez por medo, talvez por outro motivo qualquer, não se definem nem participam do convívio com os demais colegas. Nem amigos possuem. São elementos que vivem num mundo à parte.

Quer-me parecer também que o autor do artigo a que me referi no início destas linhas, não colocou entre esses indesejáveis aqueles que, por falta de tempo e excesso de trabalho, não participam ativamente da vida acadêmica. Não seria justo. Não é pequeno o número de estudantes, especialmente os do curso noturno, a quem a falta de tempo não permite uma participação mais ativa nos movimentos universitários. São pessoas que mourejam o dia inteiro e à noite dirigem-se à Faculdade à procura de novos conhecimentos.

Feita esta ressalva, analisemos um outro aspecto do problema.

Indesejáveis não são apenas aqueles que, por medo ou por qualquer outro motivo, se apresentam como valores negativos na vida acadêmica. Indesejáveis são também aqueles que fazem das lides acadêmicas instrumento de bandalheira e desmoralização. Estudantes que não sabem prezar nem respeitar a Casa que os acolhe, os professores e os colegas que nela se congregam para estudar. Produto duma mentalidade estúpida, que só entende o vocabulário da avacalhão. Elementos irresponsáveis, cuja fúria vem estuar no recinto da Faculdade sob as mais variadas formas.

Afinal, que pensar de estudantes que, durante a aula, importunam os colegas e o professor com brincadeiras e conversas? que perturbam as aulas com o vozeiro de exclamações, as mais das vezes, obscenas? que vêm espoucar bombas às portas das salas onde se realizam conferências? que desmoralizam o «trote», transformando-o em brincadeiras indecentes e perigosas? que avacalham com as assembleias do Centro, que mais parecem verdadeiras cenas de manicômio que assembleia universitária?

Por mais que forneçemos, não

conseguimos compreender a atitude de tais indivíduos. Alunos de escola superior, que, além disso, usufruem das vantagens de um curso gratuito, e tudo fazem para desmoralizá-lo, que dispõem de tempo para estudar, e desperdiçamo em tropelias, que vêm à Faculdade como se viessem a um circo de cavalinhos! É, suprasumo da estupidez! O superlativo da bestialidade.

Mas o problema não se circunscreve apenas a esses elementos desmoralizados. Atinge todos os alunos e a própria Faculdade, porque a todos desmoraliza, levando de roldão as tradições e o prestígio do velho casarão do Largo de São Francisco. Estas mesmas tradições que vivem a borboletar nos discursos dos oradores acadêmicos, este mesmo prestígio de que todos usufruímos.

Contra essa espécie de indesejáveis é que precisamos opor séria resistência, porque são mais nocivos que os tímidos e medíocres. É preciso mostrar-lhes a nossa total desaprovção ao seu procedimento imoral, impedindo-os de manifestar-se e procurando bani-los do convívio acadêmico. Falamos tanto em moralização! A moralização deve começar em casa.

Conferencia do Professor Hermes Lima

Na última semana de maio esteve presente, nas Arcadas, entre os moços que aqui estudam, o Prof. Hermes Lima, Catedrático de Introdução à Ciência do Direito, da Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro.

mais ou menos definitivo o sentido e o significado do verdadeiro nacionalismo, que se não confundem com as explorações de caráter demagógico até aqui praticadas. O nacionalismo sadio e puro, patriota e independente, disse o



O conferencista, Prof. Hermes Lima

O referido professor, estudioso dos problemas econômicos e políticos do Brasil, tem ainda boa bibliografia sobre a ciência jurídica, sendo já, assim, conhecido dos acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo.

Na Sala do Estudante realizou-se uma sua Conferência, sob o patrocínio do Centro Acadêmico XI de Agosto. A palestra versou sobre «A Significação do Nacionalismo», tendo sido muito apreciada pelos presentes, professores estudantes e público em geral. A Mesa que presidiu à solenidade de apresentação do eminente professor à Academia, tomaram assento, além de outras personalidades, o Presidente do Centro e o Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Alípio Correia Neto.

Em sua conferência, salientou o Prof. Hermes Lima a necessidade de se estabelecer de modo

DIANTE DE UM ESQUIFE

HORACIO JOSE' GUERRA

Mas como envelheceste de repente,
Tu que eras nova, tu que eras tão bela!
ficaste pavorosa e amarela
neste negro caixão tão repelente!

Roete o peito trágica mazela,
ficando a pele baça aos ossos rente,
Já te fugiu agora o noivo ardente,
Já se esqueceu de ti, morta donzela.

Um outro noivo reles já te espreita
na sua moradia, negros poços,
no seu leito de amor, a cova estreita.

É um amante que quer te ver inerme,
comer-te as carnes, depois roer-te os ossos,
trágico amante que se chama verme.



A Delinquência Infantil

JACOMO J. ORSELLI

A delinquência infantil, dizem inúmeros educadores e estudiosos, tem sido tratada como um problema de importância nacional, especialmente no continente americano, e, até certo ponto, com muita razão. Parece-me que o receio de sermos aterrorizados à uma tirania sem limites, num futuro não muito remoto, leva-nos a preocuparmo-nos com aqueles que sendo crianças hoje, serão os líderes de amanhã, homens responsáveis então pela continuidade histórica de um povo, num mundo de liberdade.

Aqui no Brasil o problema tem sido discutido em inúmeras semanas dedicadas ao Estudo do Problema do Menor, realizadas pelo poder público auxiliado por várias instituições particulares.

No ano passado, aqui chegou o mlvrinho de Jean Chazal, Juiz de Menores de Seine, França, denominado «L'Enfance Delinquante», edição das Presses Universitaires de France. O autor, ao desenvolver a tese apresentada, comentando os fatores da delinquência juvenil, os atos delinquentiais

entre menores, a reeducação dos mesmos, nos dá notícia também do funcionamento dos tribunais para menores em seu país.

Logo de início adverte: «O problema da delinquência juvenil, não é atual somente por sua importância numérica, é também, pela natureza dos problemas que apresenta e das soluções que pouco a pouco lhe são dadas à luz das ciências do homem e de suas técnicas».

Considerando-se que a lei francesa, coloca a maioridade penal aos 18 anos poderemos meditar sobre os seguintes dados: — em 1939 quando iniciou-se a 2.ª Grande Guerra, 12.165 delinquentes foram julgados em território francês, em 1942, 34.781 menores compareceram aos tribunais e, em 1945, final da conflagração, o número retrocedeu a 17.578. No ano seguinte ascendia a 28.568, os menores julgados em França. Dois anos depois, época da restauração francesa após prolongada ocupação estrangeira, 27.638 menores prestaram contas à Justiça por de-

litos vários, começando então, o número deles a decrescer. Ficou assim demonstrado a todos nós como a terra de Vitor Hugo, se viu a braços com um terrível perigo interno, o menor criminoso, e, como sem desfalecimento, logo reagiu, não se entregando a pessimismos ou indiferenças, mas, reintegrando o cidadãozinho na vida social, qual novo valor positivo, apto a dar o seu vigor, inteligência e trabalho, a determinada ou determinadas atividades sem máculas!

CURIOSIDADES

Na entrada da Faculdade, no lado de fora, estão gravados os nomes de Fagundes Varela, Alvares de Azevedo e Castro Alves. No lado de dentro, outra trilogia, desta vez jurídica: Teixeira de Freitas, Pimenta Bueno e Lafayette.



AG. ESMERALDA DE IMÓVEIS

INCORPORAÇÃO DE CONDOMÍNIOS • CORRETAGEM DE IMÓVEIS
ADMINISTRAÇÃO PREDIAL • CASAS POPULARES • LOTEAMENTOS

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 344 - 9.º ANDAR - FONES: 33-1663 - 35-9612 - 35-9613 - SÃO PAULO

ACADEMIA DE LETRAS

Aberto concurso para preenchimento de vagas — Dez concorrentes para sete cadeiras vagas

Encerrou-se dia 15 último a data para inscrição no concurso de preenchimento das vagas da Academia de Letras da Faculdade de Direito. Duas eram as condições exigidas para a inscrição: ser aluno matriculado no 2.º 3.º 4.º ou 5.º ano do Curso de Bacharelado e apresentar seis trabalhos em prosa ou verso, devendo ser 3 publicados e 3 inéditos. A relação das cadeiras vagas segundo edital afixado no quadro de avisos da referida entidade, é a seguinte:

- Cadeiras números:
- 2 — Vicente de Carvalho
- 4 — Monteiro Lobato
- 14 — Alvares de Azevedo
- 15 — Américo Brasiliense
- 16 — Raimundo Correia
- 18 — Julio Mesquita
- 21 — Castro Alves

Em conversa com o diretor cultural da Academia de Letras, acadêmico Dalmo de Abreu Dallari, conseguimos apurar que o número de inscrições recebidas subia a dez. Esclareceu-nos também que os trabalhos apresentados já haviam sido distribuídos entre os membros da Comissão Julgadora que deverá exarar parecer sobre os mesmos.

Homenageado o Prof. Waldemar Ferreira

(Conclusão da 1.ª pág.)

este ano deixará a cadeira, para figurar ao lado dos seus filhos mais ilustres, como um dos que mais a honraram e mais conseguiram traduzir em atos e atitudes, na vida particular e na vida pública, a eternidade do espírito das Arcadas, irrompido há mais de um século, na humanidade do velho burgo provinciano.

Homenageando WALDEMAR FERREIRA, o impoluto, o intemerato, o que fez do amor à liberdade e ao direito uma teimosia sagrada, estamos ilus-

trando, com uma eloquência que as palavras não ousam competir, a missão que cabe a nós todos exercer e o caminho que deve ser a meta desta nossa grei associativa.

Saudando o corpo docente na pessoa do diretor BRAZ DE SOUZA ARRUDA, e agradecendo a presença das autoridades, de alunos e ex-alunos, dou testemunho, em meu nome e dos meus colegas de diretoria, do desejo que nos anima de poder, à frente da Associação, servir ainda uma vez à Academia e à nossa terra."

FALA O PROF. MOACYR AMARAL SANTOS

«Antigo» se traduz por «velho», em oposição a «novo». Com esse sentido entende-se o vocábulo na denominação «Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo». Associação de alunos antigos, como dos novos o é o Centro Acadêmico XI de Agosto. De estudantes ambos, que se diferenciam pelo tempo em que estão na escola. Não fosse isso não se compreenderia a estudantada dos velhos, criando o contraste shakespeariano desta cena, na qual a honraria é de quem saúda não de quem é saudado. Porque, em verdade, estou como o sapo da fábula, que se inchou, tão entumescido me tiveram os companheiros com me lançarem como seu intérprete nesta festa em homenagem a um dos mais distinguidos padrões da gente de Piratininga — o prof. WALDEMAR FERREIRA. Para que do confronto não espouque espontâneo e inevitável o riso, manda a caridade que o homenageado, percebendo o grotesco em que me encontro, deça ao menos uns degraus do pináculo em que paira.

Mas não seria um paradoxo acudir o festado a tal súplica.

quando todos o querem nas culminâncias e por nelas merecidamente achat-se é que os colegas lhe prestam estas homenagens?

Destes contrastes está cheia a vida, quando nela se não veja a sua própria resultante: contrastes de sexos, de cores, de raças, de idades; deluz e calor, de sóis e noites, de himalaitas e profundezas oceânicas; de amor e ódio, de liberdade e escravidão, de abundância e miséria, de idéias e sentimentos que se elevam aos céus ou se aprofundam nos infernos. E' no fluxo e refluxo de coisas e fenômenos, de espírito e matéria, de bençãos e infortúnios, que se faz o homem, expressão máxima de Criação, que é animal e ao mesmo tempo imagem de Deus.

Não será essa a explicação dos povos, em dados tempos e lugares, erigirem ídolos um Alexandre, um Mahomet, um Júlio Cesar, e, noutros tempos e lugares, venerarem Napoleão ou Kant, São Francisco de Assis ou Erasmo, ou ao mesmo tempo e conforme os lugares, aplaudirem ali a escravidão e aqui a liberdade, Hitler e Churchill?

Não estará aí a razão por que contraste feitos homens concomitantemente idealistas e bandidos, salteadores e policiais, revolucionários e chefes de governo, ocuparam as épocas, encheram a História, até como fundadores de pátrias?

Fôrças ou morais, atuantes e necessárias na formação da energia que faz caminhar, alçar a voz, levantar os braços; ação e reação que, ao invés de se conterem, se intepenetraram e geram virtudes e vícios, inseparáveis quantas vezes; anjos e demônios, ora pondo o bem em perigo ora o mal ameaçado, compelindo a elaboração dos códigos penais, que, se sistematizam os delitos e as penas, deixam, entretanto, impunes, porque olvidados ou desconhecidos, crimes imundos contra Deus, a sociedade e os próprios indivíduos; tudo isso, toda essa harmonia de risos e lágrimas — a Sociedade das Nações e experiências de bombas atômicas, governo e oposição, teltz e desgraçados, ritmos de valsa e estrílo de fãra, encoraja, arma e consolida os mártires e os heróis, os santos e os sábios, os senhores das cousas e os condutores de homens, os grandes homens enfim.

Grandes homens — tema de conceituação difícil. Assinalam-se pelas ações, que os tornam virtuosos. Mas lembrando La Rochefoucauld, e outros moralistas repetindo, que defeitos, não seria demais admitir também os houvesse pouco agraciado de virtudes. Depois nada mais movediço que o critério de seleção, condicionado ao tempo, ao espaço e ao ângulo em que se põe o observador. Grandes para Montaigne foram Homero, Alexandre e Epaminondas, mas Montaigne, que não olvidou Julio Cesar, não conheceu Napoleão, e tão grande quanto esses se apontam Shakespeare, Camões e Dante, e não menos ilustre Cicerone, Grocio, Pasteur e Edison, de características as mais diversas. Não foram grandes Feijó, Ruy Branco, no cenário nacional, e para nós, paulistanos, o pequenino e humilde Padre Chico? Impossível reuni-los e compreendê-los numa fórmula, que a todos se aplique, pois as arestas próprias dos homens destacados se extravassariam das linhas que tentassem comprimi-los.

Queréis a prova? Eis um grande homem — WALDEMAR FERREIRA. Seria impossível defini-lo e, entretanto, é aí está com sua vida e suas obras de todos nós soberbamente admiradas, uma e outra justo orgulho dos seus amigos da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. Não há jeito de vê-lo por um dos seus aspectos, só por dentro ou só por fora, de frente ou de perfil; tem que ser visto por inteiro, tal qual é, na simbiose do homem e do cidadão, do advogado e do político, do cientista e do professor, porque tudo nele se mistura e se conjuga íntima e indissociavelmente, na formação de uma personalidade compacta, original e única, a imprimir às suas ações, no seio da sociedade a que serve com desvelo, tom e direção que justificam a lei moral de Kant.

Herdeiro de brava estirpe, mais WALDEMAR FERREIRA a dignificou, sagrando-se um bravo na luta contra as asperezas da vida, em conquista de um lugar ao sol esgrimista ferrenho nas contendas forenses, em que breve se fez perito, dono de clientela seleta e vasta; devorador de livros e ávido de ciência, transportando montanhas

para transmiti-las e ensiná-la da cátedra, onde ninguém o superou; fiel aos ideais políticos acalentados desde os tenros anos, na porfia deles comandando batalhas inesquecíveis. Venceu sempre e em tudo, não obstante as muralhas que teve de destruir. Venceu sempre e em tudo, graças à confiança nos próprios méritos, à perseverança sem limites e à coragem de quem não teme distâncias, tropeços, arreganhos, adversidades.

Edificou um lar arejado, alegre e próspero, de muitos filhos, que é tenda onde não entra tufão, e à sombra do qual, contam vozes indiscretas, se faz mais criança que os netinhos em penca, seu divertimento predileto. Mas aí também abriu varandas, onde fala e ouve os amigos companheiros, e instalou a biblioteca selecionada, transmissora da cultura e filosofia que, recomendando-o àqueles, o tornaram profissional de elite e professor cuja superior reputação se temia além fronteiras. Foi nesse recanto, em que se conciliam amor e paz de espírito, ao sopro do carinho de discípulos que liberou as demandas mais intrincadas; e venceu o concurso de professor, com tanto domínio da matéria se postou perante os examinadores; e escreveu a extensa, variada, proveitosa e consagrada obra de jurista; e delineou paciente e conduziu seguro as mais rinhidas e memoráveis campanhas pelo seu Ideal.

Um dos galhos mais opulentos, e que mais preza e do que mais se ufana, dessa harmoniosa estrutura entrou a Faculdade de Direito: professor de direito, de moral e de civismo, não sesabe em que mais perfeito, mais professor. Suas lições, assim, se entremeiam de teoria e de prática. Umas, as que tratam das ciências jurídicas, meditadas e profundas, exigem que a mocidade, que o escuta atenta, se habitue a ler e a pensar; outras, as que não preparam e não profere, e são espontaneas como lhe é o cumprimento do dever, mais profundas e singularmente eloquentes, as lições práticas, essas, repontando de suas atitudes e de seus exemplos na cátedra e mais getores de sua variada atividade, fazem-no senhor do coração e do espírito dos discípulos. Ensinando a teoria dos atos do comércio, transmite aos jovens o trabalho de sua cultura e do seu talento, mas, dessorbrado, regelando-se na noite ditatorial que enodou o Brasil, contra a força e a imoralidade que amesquinham o Direito e suprimiam as liberdades, deu aos alunos uma aula imorredora, cujos ensinamentos se redobram em consequências mais proveitosas que todas as lições.

O magistério tem o misterioso sabor do sacerdócio para o professor por vocação. E é dos homens este o que mais se aproxima da perfeição, porque tem necessariamente da aperfeiçoar-se sempre, o que já é virtude, visando, porém, aperfeiçoar os outros, o que é virtude ainda mais estimável. Essa dupla direção dos espíritos entregues aos fascinantes prazeres de contribuir para o aformoseamento moral e cultural dos seus semelhantes espande em WALDEMAR FERREIRA, que, homem de sua ciência, a que investiga até os arcanos e a que dá o sopro vificador dos conhecimentos novos, que a desenvolvem, não mede sacrifício para nifundi-la, apurada, limpa, modernizada. O professor sai da cátedra e, feito escritor, corte mundo, ensinam-

PEDRO ERNESTO BOARIN

SIDNEY GIOIELLI

ADVOGADOS

Escritorio: RUA DO COMERCIO, 22 — 1.º and. — s/ 3 e 4

Telefone: 32-1843 — São Paulo

do. Do Manual do Comerciante, há quase quatro décadas, à recentíssima, ainda cheirando à tinta, História de Direito Constitucional Brasileiro, sem falar de artigos e pareceres inúmeros, esparsos pelas revistas especializadas e mais de congressos e conferências, contam-se dezenas de obras suas — Da sociedade por quotas. Da responsabilidade civil da massa falida por culpa de seus representantes. Sociedades comerciais irregulares. Curso de direito comercial. Questões de direito comercial. As diretrizes do direito mercantil brasileiro (série de conferências, produzidas quando no exílio, em Portugal). Tratado de direito mercantil brasileiro. Código das sociedades comerciais. Compêndio de sociedades mercantis. Tratado das debêntures. Instituições de direito comercial, e quantas outras versando o direito comercial. E às quais se acrescentam não poucos volumes sobre outros diferentes ramos das ciências jurídicas — O casamento religioso de efeitos civis. O loteamento e a venda de terrenos em prestações. Princípios de legislação social e direito Judiciário do Trabalho, obras versando profundo senso da realidade social, originalidade e segurança das construções teóricas, fidelidade de interpretação das matérias, constituem um dos alicerces da cultura jurídica pátria, através delas honrada no exterior, e refletem uma personalidade excepcionalmente dotada, a que se não sabe o que mais admirar, se a devoção ao trabalho, a inteligência peregrina ou a pujança do jurista.

2 — Apreciação de um professor sobre a obra de Waldemar Ferreira, na homenagem que lhe prestaram por ocasião do seu 25.º ano de cátedra.

«Sou, como vós, estudante» — dizia WALDEMAR FERREIRA, em 1925, em aula inaugural. E o era, era-o até no idealismo romântico da juventude das escolas, perenemente inconformada com a realidade material que não acompanhava as realidades do espírito, e que faz do sonho instrumento das mais belas e nobres cruzadas. De lúdica formação democrática, como todos os moços do seu tempo, parecia-lhe ignóbil que numa República, no século XX, depois das clarinadas de Bilac e das apoteóticas convocações de Ruy, pendurasse ainda, a corroer o organismo da Nação, o desinteresse dos cidadãos pelas coisas publicas, mal que inelutavelmente leva à supressão das liberdades pela submissão passiva de todos ao jugo dos poucos que se dispõem a mandar. E o mestre moço, concebendo a política, como a imaginava Nabuco, «uma espécie de cavalaria moderna, a cavalaria andaraz dos princípios e das reformas», ele, que viera da Liga Nacionalista, onde se prepararam os arrancos para a frente d'eterna uma altiva, generosa e estórica geração, representante da mocidade exponencial do saber e do civismo, posto ao lado de Francisco Morato, Gama Cerqueira, Reynaldo Porchat, João Arruda, para só rememorar os mortos, professores insignes da nossa Escola, ao apelo de Antonio Prado, reúne-se àqueles que iriam sacudir os

paulistas do torpor, sob a bandeira do Partido Democrático.

Da política jamais se desvincularia WALDEMAR FERREIRA, tornando timoreiro das horas tormentosas, e que a ela entregar-se-ia com pureza de alma e como decorrência do cumprimento do dever, tanto desinteressado de elogios, estima e reconhecimento, que geralmente faltam, quanto satisfeito e bem remunerado pelo prazer inefável de prestar serviço à sua gente e à sua terra. Vede-o revolucionário em 1930 e novamente revolucionário em 1932, ali o sonhador de reformas, aqui comandante destemido dos paulistas, a exigir a restauração constitucional, pagando com o exílio a gloriosa ousadia. Em 10 de novembro de 1937, líder de São Paulo no Parlamento, é dos poucos deputados federais que se arremetem, com a voz em braza de indignação, contra a Ditadura que se instaura. Banido da cátedra, preso um rol de vezes, vigiado sempre, o político amante das liberdades, alheio ao medo às vantagens à opressão ditatorial e, reage, e considera e centraliza a pertinaz e heróica, quanto pouco conhecida e hoje absolutamente olvidada, resistência democrática.

Vede-o agora, nos seus quase setenta anos de lutas incessantes. E o mesmo WALDEMAR FERREIRA, uma das raras e autênticas expressões políticas, erecto, de pé na mesma postura de chefe, que ninguém se atreve arrebatá-lo, congregando companheiros de longa jornada, veteranos do Partido Democrático e do Partido Constitucionalista, e mais os jovens voluntários aliciados no caminho do sofrimento, confiante de que do cemitério das ilusões do povo ressurgirá, inepico, o espírito cívico salvador das instituições, alimentado do idealismo e da ciência da harmonia das virtudes, que arredatá os traficantes, os nécios e os hipócritas da direção dos negócios públicos.

Toscamente bosquejado embora, eis aí WALDEMAR FERREIRA, figura singular de patriarca, cidadão e advogado, de jurista, mestre de direito e político, grande homem no mais preciso significado da expressão, a quem os amigos, seus colegas, e que são todos seus discípulos, prestam a mais carinhosa e sincera homenagem e pedem, por suas excelentes qualidades, privilegiada posição e desmedido patriotismo, continue seu guia nesta hora amarga, de desanimo, apostasias e relaxamento de costumes, que ameaçam as instituições e a República.

COLEGA!

FREQUENTE

O RESTAURANTE DO CENTRO.

INDICADOR PROFISSIONAL

ANTONIO ANTONINI
ADVOGADO

Escr.: Praça das Bandeiras, 40 — 21.º andar — Tel. 32-9862

LUIZ AMERICANO LEITE
LEONARDO MONACO
ADVOGADOS

RUA ANITA GARIBALDI, 45 — 10.º ANDAR SALAS 1.005/7
TELEFONE: 37-2364

SYLVIO DE TOLEDO PIZA E ALMEIDA
ADVOGADO

Rua 7 de Abril, 176 — 6.º Andar Telefone: 34-6403

WILSON NOGUEIRA SOARES
ADVOGADO

Escr.: Rua Tabatinguera, 34 — 4.º Andar.

PAULO C. GUEDES
ADVOGADO

R. ALVARES PENTEADO, 180 — 4.º ANDAR — SALAS 10-11
TELEFONES: 33-4089 e 35-6307 — END. TEL. «OLUAP»

ESCRITORIO JURIDICO - COMERCIAL

DIREÇÃO DE J. R. FIGUEIREDO
E JOSE AUGUSTO DE OLIVEIRA

Questões civis, criminais, comerciais e cobranças amigáveis ou executivas.

AV. IPIRANGA, 1.123 11.º - CONJ. 1.102 — FONE: 35-0387

ITALO CIAMBELLI

ADVOGADO

R. DO COMERCIO, 22 — 1.º Andar — Fones: 32-2423 e 33-6439

JARDINEIRA PAULISTA

— Floristas decoradores —

ANGELO RINALDI

Rua Libero Badaró, 471 — São Paulo

ESPORTES NAS ARCADAS

A hegemonia do esporte da raqueta, permanece ainda sob as Arcadas, graças a estes dois elementos que tantos e tantos títulos tem trazido para nossas cores, são eles, ARMANDO FERRELA e ROBERTO ARATANGY. Foi de veras brilhante nossa vitória e não poderia ser de outra forma. Nossas homenagens aos tri-campeões.

NATAÇÃO

Por azares da sorte não foi possível aos nossos bravos nadadores trazer para nossa "escola" o título nessa modalidade, isto porque, o Teodoro dias antes da competição, aparece com o pé "engessado"...

Mesmo assim, a diferença que nos separou do primeiro colocado — Horacio Lane — foi de apenas 9 pontos. Destacaram-se dentre os nossos: o calouro Walter Zalmonovits, vulgo "VA-VA", Clóvis Salgado e Briand C. Ferreira. Não vai nesta citação nenhuma desconsideração aos demais nadadores, que igualmente deram o máximo de seus esforços em defesa de nossa A. A.

As "girls" como das outras vezes, fizeram bonito, e, à exemplo dos rapazes não conseguiram sagrar-se campeãs única e exclusivamente porque a Deloé esteve impossibilitada de comparecer à competição. De qualquer forma, merecem o nosso mais caloroso aplauso.

A notícia que passamos a dar, é de certa forma desagradável... Fausto, Joel Cajaby, Jorge, Faleiros, Miragaia, Fiaschetti e Jafet, integrantes do time de cestoból, tinham em mira o título desta modalidade. Ganhamos o primeiro jogo contra a ITA, ganhamos o segundo, este o mais difícil, que foi contra o XXII de Agôsto e acabamos perdendo para a Arquitetura Mackenzie. Mas de que forma perdemos... nem é bom comentar. Um verdadeiro esbulho... pela primeira vez fo-

mos escandalosamente prejudicados... e não... isto mesmo não fizemos onda... O Tempora ó mores...

Para muitos, deve ter causado espécie o vice-título no estímulo de Remo. Mas para nós, que mais de perto estamos da atividade esportiva nas Arcadas, podemos afirmar que muito mais poderemos conseguir com este vigoroso esporte.

Os sacrificados atletas que trouxeram para cá o vice-título são: Darcilio Alterio é o Darcilio mesmo...), Ricardo Mendes Leal Filho, Ary Lopes Rodrigues, Antonio Federighi, Leolino, e Pedrinho Antonio Furlan. Levantar às cinco da "matina" faz um bem...

SALTOS ORNAMENTAIS — Conseguimos a terceira colocação, Carlos Taranto, sozinho, conseguiu esta proeza, que será cantada em prosa e verso, no Bar do Chico E... "morô"?

Restam ainda ser realizados, os campeonatos de Atletismo e Polo Aquático, que, transferidos foram por motivos de ordem superior. Esperamos obter uma grande colocação em ambas modalidades. Os treinos são efetuados semanalmente... Assim me parece...

Como última notícia, algo sobre o "futiba"... Intensos os preparativos... treinos semanais... jogo... o primeiro deles contra os Advogados, o segundo contra os amadores do Palmeiras... tudo isto visando acertar as "linhas" para o Torneio Início, cuja realização está marcada para o dia 19 do corrente. O Diretor desta modalidade, o Celso, está envelhecendo antes do tempo, tudo porque, as ondas sobre "panelas" fervilham nos corredores da Academia e fóra também... Mas se levantarmos o título, tudo será esquecido e o nome do Diretor será pronunciado com "respe-

to"... Tá? — Logo acima falamos de dois jogos, o primeiro contra os nossos "veteranos". Um excelente resultado 2x2 no principal, e uma bellissima vitória do "segundão". Pois é, 8x2, formidável! levamos uma "chacoalhada" em regra. Não poderia ser de outra forma. Serviu porém, a derrota, para que o "técnico" da nossa "esquadra", verificasse quais os pontos vulneráveis do time. No que tivemos oportunidade de presenciar o jogo, achamos o quadro deficiente no que tange ao preparo físico e também falta de conjunto. Afirmamos todavia, sem sombra de dúvida, que estamos com um bom plantel. Temos um bom goleiro, bons beques, intermediária, e finalmente bons avanços, todos eles, com exceção do goleiro (é obvio) carecendo de melhor preparo físico e enrosamento como já frizamos. Por hoje e só. Até a próxima colegas...

Patrocinado pelo Centro e pela "Sociedade de Criminologia e Ciência Penitenciária" um curso sôbre "Prisões Abertas"

Na Sala do Estudante — Os conferencistas

A "Sociedade Brasileira de Criminologia e Ciência Penitenciária" e o Centro Acadêmico "XI de Agôsto" já iniciaram o programa de seu convênio, neste ano patrocinando um curso monográfico sôbre "Prisões Abertas", na Sala do Estudante da Faculdade de Direito de São Paulo.

O curso, que foi concorrido por seleta assistência, que reunia advogados, estudantes, professores e estudiosos em geral, desenvolveu-se, em abril p. p., nos dias 26, 27, 28 e 29, prolongando-se por 4, 5 e 6 de maio corrente.

O êxito de tais cursos se deve a que os conferencistas são nomes abalizados no mundo jurídico ou criminológico, garantindo a seriedade e a profundidade dos estudos empreendidos na-

quelas reuniões na Academia. Assim, o Ministro Nelson Hungria, o Procurador Geral da Justiça, Dr. José Augusto César Salgado, os professores Noé Azevedo e Flaminio Fávero, e

os Drs. João Carlos da Silva Telles, Theodolindo Castiglione e Alberto Teixeira dos Santos Filho, diretor da Penitenciária Agrícola de Neves, foram convidados e aceitaram o convite, realizando conferências magnificas sôbre o palpitante tema proposto à atenção dos alunos.

Um diploma será conferido a quem tiver comparecido a cinco aulas, pelo menos, durante o curso.

CURSO DE DIREITO FISCAL

Pelo Professor Rubens Gomes de Souza, catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da U. S. P., será ministrado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, um curso de Direito Fiscal.

O referido curso, que será patrocinado pelo Departamento de Cultura do C. A. XI de Agôsto, terá a duração aproximada de dois meses, com início na segunda quinzena de Agôsto.

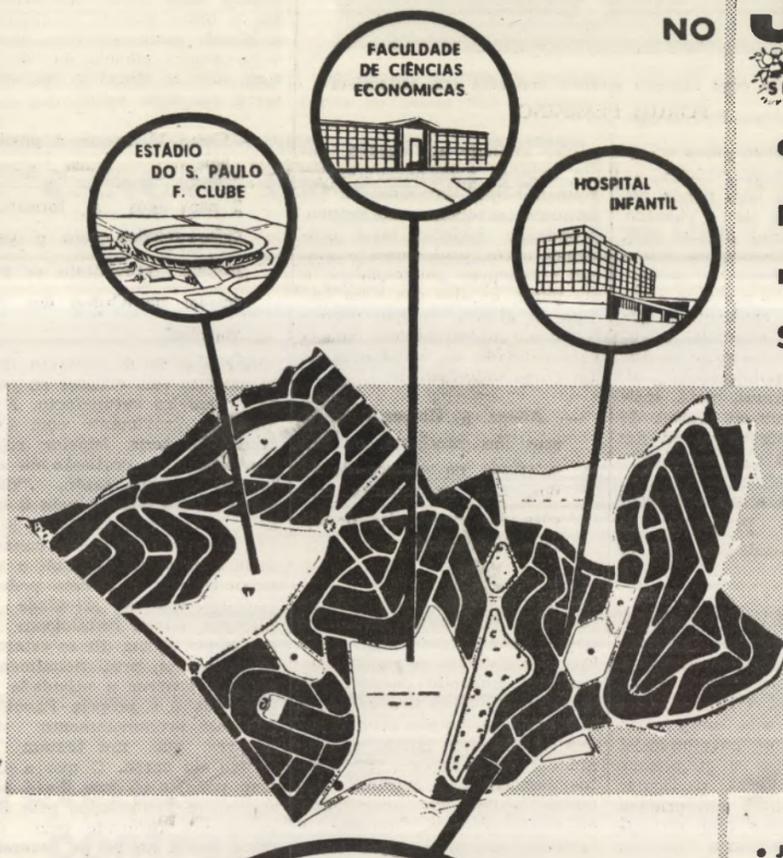
Acham-se abertas desde já, no C. A. XI de Agôsto, as inscrições, podendo inscrever-se todos os que se interessarem. Aos que alcançarem o índice mínimo de frequência, será conferido um diploma.

A OESTE DA CIDADE V. ENCONTRA LUZ, ÁGUA E ASFALTO

NO **Jardim Leonor**

SITUADO A 795 METROS DE ALTITUDE

e reunindo as condições ideais para a construção de sua casa na parte mais valorizada de SÃO PAULO



A 14 MINUTOS DA BIBL. MUNICIPAL - PELA RUA AUGUSTA É UMA RETA SÓ

ESCOLHA SEU LOTE NESTA PARTE OESTE DE SÃO PAULO - A CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO: PREÇOS A PARTIR DE CR\$ 22.440,00 DE ENTRADA. PRESTAÇÕES MENSAIS DE CR\$ 1.705,00



- **JARDIM LEONOR:** fica situado nos altos do Jockey Club onde o clima é seco e saudável.
- **JARDIM LEONOR:** fica na vizinhança dos mais aristocráticos bairros da cidade a apenas 9 quilômetros do centro. Vias de acesso pelas ruas Augusta, 9 de Julho e Rebouças.
- **JARDIM LEONOR:** tem na sua área, já construídas, suntuosas residências e grandes edifícios e está ultimando as monumentais obras do Estádio do São Paulo Futebol Clube, da Faculdade de Ciências Econômicas e Hospital Infantil. Brevemente terá início a construção de: posto de gasolina - mercearia - Mercado - ginásio e cinema.
- **A URBANIZAÇÃO DO JARDIM LEONOR** compreende (obras já realizadas): Galerias de águas pluviais. Instalações de luz elétrica e água. Avenidas de 30 metros de largura, além de praças e jardins.

Imobiliária e Construtora **"ARICANDUVA" S.A.**

ESCRITÓRIO NO LOCAL E NO CENTRO NO FIM DA AVENIDA IPIRANGA N.º 1238 - TELS.: 36-9451 - 34-6315

Sai às ruas a monumental peruada de 1955

Entrevistando o acadêmico Donald Armelin — A maior peruada dos últimos tempos — Carros e Cartazes

Finalmente, no dia 6 de junho de 1955, saem às ruas os acadêmicos de Direito, para levar aos quatro cantos da cidade a sua tradicional Peruada. As 20,30 hs., da Av. São João, defronte a Casa do Estudante, parte a caravana alegre de estudantes, percorrendo o itinerário de sempre, até atingir o Largo de São Francisco.

O acadêmico Donald Armelin, Presidente da Comissão de Trote do Centro Acadêmico XI de Agôsto, concedeu-nos entrevista, a fim de relatar pormenores da sensacional peruada deste ano. Grandes foram, segundo suas palavras, os preparativos. Muito esforço dos colegas, muita vibração de calor, muita animação, intenso entusiasmo...

A Peruada vem se tornando, desde que se instituiu como regime no Largo de São Francisco, um dos aspectos pitorescos da metrópole paulista, e é aguardada sempre com grande ansiedade pelos paulistanos, que aprenderam a ver na mocidade das Arcadas

um símbolo de luta e civismo, que a estudantada expressa no dístico sugestivo do "Ridendo Castigat Mores"...

Neste ano, a Peruada apresenta carros alegóricos, fantasias humorísticas, bandas de música e como originalidade da festa, uma "patronesse" do rádio, Elsa Laranjeira, eleita recentemente a "Favorita das Arcadas". No Largo, após a chegada dos meninos, grande "show", com grande animação e não menos grande repertório: músicas populares, cantigas acadêmicas, com a colaboração do Rádio paulista.

Durante a Peruada, a televisão nar todo o desfile alegre, os aparelhos das emissoras de televisão da Capital, bem como os transmissores de rádios. Eis aí uma grande Peruada, que marcará época.

Quanto a Elsa Laranjeira, "Favorita das Arcadas", grava em breve um disco, para ser ouvido por todos os paulistanos, cujo título é: "Peruada de 55".

JOÃO SAAD, (Filho do Sindicato dos Corretores de Imóveis)

Desde que uma mulher possa ser requisitada para determinado posto que o ocupe, e, se pelo contrário, o homem tem qualidades para a cozinha, que aí permaneça, dizia Platão na sua "República". Foi, indiscutivelmente, este filósofo o primeiro Bayard que se colocou ao lado das mulheres, não propriamente para reivindicar seus pretensos direitos, mas porque entendeu, com a sua brilhante sabedoria, ser imprescindível a colaboração feminina em certas atividades da administração pública. E se Platão pudesse tomar conhecimento de dois projetos do Sr. Mozart Lago, quando Senador da nossa República, se convenceria de que não era tão utópico o diálogo que estabeleceu entre Glaucon e Sócrates no qual este preconizava um lugar de destaque para a mulher no Estado helênico. Os dois projetos apresentados pelo Sr. Mozart Lago a seus pares visava, um deles, possibilitar a todas as mulheres brasileiras, dentro dos requisitos legais, a possibilidade de se inscreverem no Instituto Rio Branco e terem acesso à carreira diplomática. O outro projeto, do ano de 1951 parece-nos, visava criar um Departamento Feminino na Polícia Civil do Distrito Federal, a exemplo do que se verifica nos Estados Unidos e Europa, que já colheram do assunto larga e compensadora experiência. Não sabemos qual o destino deste projeto, mas desejamos falar sobre a conveniência ou não de uma Polícia Feminina, já que se cogita dotar a Polícia Civil de S. Paulo de um destacamento de mulheres, pelo menos, a título experimental.

Num momento em que a Polícia do nosso Estado se mostra desacreditada ao povo, num momento em que essa Polícia não merece o respeito dos cidadãos, por infidelidade aos princípios que lhe deveriam servir de base, poderão as mulheres colaborar ao seu lado, procurando, numa batalha conjunta, enfrentar os problemas dos

dramas humanos que se desenrolam dentro dos limites de sua competência? Evidentemente, a Polícia, tal qual hoje se apresenta, não está aparelhada nem moral nem materialmente para receber um destacamento de mulheres constituído de médicas, advogadas, assistentes sociais, enfermeiras, pesquisadoras e mesmo alunas estagiárias de Medicina, de Direito, porque a sua organização e os seus métodos estariam em desacordo e não comportariam um trabalho diametralmente oposto como seria o de polícia preventiva e humana, característico do trabalho das mulheres nesse setor. Seria um fazer e desfazer paralelos e os resultados seriam ridículos, quando a gravidade do assunto exige resultados dignos e eficientes. Portanto, parecesse que, sob esse aspecto, não se pode recomendar e nem louvar a criação de serviços femininos junto à Polícia de S. Paulo, no momento. Mas, desde que se efetue a sua anunciada reforma de base, compreendendo também a de indivíduos, aí sim, não só seria útil a sua criação mas constituiria um imperativo de ordem social, exigência de uma cidade imensa, onde se pratica toda a espécie de delitos mas onde não se encontra um aparelhamento capaz de pelo menos limitá-los. Se pensarmos nos incapazes, menores, mulheres que entram e saem da Polícia e o que aqui se passa, teríamos uma idéia mais exata da exigência de um Departamento Feminino na sua organização. Menores que às vezes por um simples furto são confundidos com delinquentes "perigosos" e daí saem com noções exatas de como se tornar um criminoso, jovens vítimas da fatalidade ou de uma desgraça e que se deparam com um indiferente escrevente de Polícia a quem devem narrar com detalhes o que desejariam apagar para sempre da sua mente; mulheres que se devem submeter a exames periciais vexatórios, crianças que devem

(Conclui na pág. 8)

CARTAS DO SECULO XX

CARAS COLEGAS NEIDE E SELMA

Recebi com imenso prazer a crítica que individualmente vs. me fizeram sobre esta modesta secção «Cartas do Século XX». A carta que dirigiu àquela senhora que voltava com seus problemas espirituais, indagando sobre a verdade das coisas e a existência de Deus, a sua alma inconformada de mãe de dois filhos que se debatia na dúvida e na incerteza, não conseguiu atingir as minhas ilustres colegas e não contou, infelizmente, com a sua simpatia. V., Selma, que me honrou com uma carta eloquente e amiga, fala em «problemas mais diretos e presentemente ligados à classe de leitoras a que se destina a secção». E, v., Neide, disse-me que entendia por problemas o fato de uma família se vêr, pela manhã, sem pão para comer e sem possibilidade para compra-lo. Em linguagem objetiva, vs. duas se referiram a esse problema. Sujeito-me com todo o prazer a tão justa imposição, lembrando, porém, que não estou e nunca estive afastada da realidade, apenas não desejava ser tão dramática e tão amarga nestas Cartas, porque a mocidade — se tenho algumas leitoras elas são muito jovens — não pode enegrecer os seus dias em contacto constante com as lágrimas que rolam pelo mundo. A este propósito, ha um versículo dos textos sagrados bádicos nestes termos: «têm sido verdadeiras mais lágrimas no mundo do que ha de água no vasto oceano». As lágrimas provêm dos problemas que vs. sugerem eu focalize. Há duas revistas que me foram cedidas, uma «Faim et Soif», criada pelo abade Pierre (Paris) e outra que vem de Lyon, do Reverendo Naidenott. Permitem reproduzir, de um artigo de Daniel Rops, o que se lê nessas revistas: haverá quem saiba que existe atualmente, em média, na terra, um em cada três seres humanos que não se alimentam de maneira suficiente? Haverá quem saiba que o último Relatório da Organização Internacional do Trabalho demonstrou que 180 milhões de famílias (o terço também da humanidade) não dispõem de alojamento suficiente ou mesmo de habilitação alguma? Haverá quem saiba que em certos países, como a Índia ou o Chile, morrem cerca de 12 crianças de cada cem que nascem? (Na França morrem 41 por 1.000 e na Suécia 20 por 1.000. Não tenho dados do Brasil). Eis aí colegas minhas, problemas que a maioria das pessoas dejes tomando conhecimento diria que nada pode fazer, uma vez que em os seus próprios problemas sem também poder solucionar-los. Compreendo que a miséria seja. Mas devemos, pelo menos, meditar um pouco sobre a miséria que vai por este nosso planeta e que as duas revistas que citei retratam de uma forma impressionante. Por que ha sobre a terra tão profundos desníveis de vida? Não compreendo e não tenho capacidade suficiente para discutir o assunto, entendo, porém, que por mais lágrimas que vertamos — a que se refere o versículo sagrado bádico — esta não será, jamais, a solução para mitigar a fome dessa pobre gente. E se me pesa, sem possibilidade de consolo a minha absoluta incapacidade para mover as barreiras que separam o mundo para torná-lo uno e igual, atenúa a minha mágoa o fato de vê-las, as minhas caras colegas, interessadas em questões vitais da humanidade, questões que poderão abordar com êxito e brilho, já que para tanto não lhes falta qualidades de espirito e de coração.

Um abraço sincero de
PAULA

FORUM FEMININO



Secção a cargo do Departamento Feminino, sob a responsabilidade de DIVA MARIA SALVATORE

ENTREVISTA DO MÊS

"Nunca teve razão de existir o dispositivo legal que estabelece a incapacidade relativa da mulher casada"

O bacharelando José Moreno fala a FORUM FEMININO — Importantes questões acadêmicas e jurídicas focalizadas na entrevista — Simples restrições específicas à mulher casada — Os males da Faculdade — O estágio pós-formatura — As recentes criações de Faculdades de Direito no interior — Deficiência do ensino jurídico.

O colega José Moreno, uma das vozes mais esclarecidas e acatadas da Faculdade, concedeu-nos uma entrevista na qual foram abordadas questões que mais diretamente interessam à classe acadêmica. Todos os assuntos nela tratados, diz o nosso entrevistado, dariam margem a muitos debates e a considerações mais amplas, se para tanto houvesse espaço e oportunidade. Aqui fica, portanto, o convite da redação, a todos aqueles que sobre as opiniões expandidas, desejarem se manifestar.

Reproduzimos, a seguir, a entrevista do nosso presado colega.



O bacharelando José Moreno quando concedia sua entrevista a FORUM FEMININO

— Os problemas de ordem moral que observamos dentro da Faculdade, no que se refere aos alunos, poderiam ser enfrentados de alguma forma?

— Sim, por mais de uma forma, inclusive através da atuação concreta da Congregação, que poderia impor-nos a observância irrestrita de umas tantas regras de procedimento a exigência de maiores índices de frequência às aulas (em vistas de se tornar realidade, como se sabe); a repressão adequada ao hábito um tanto generalizado de tudo se fazer em aula menos ouvir conscienciosamente o que nossos professores querem ensinar-nos, a punição exemplar dos que nos excedamos nos "trotos" e "pinduras". O próprio Centro poderia iniciar uma campanha de reeducação (ou educação) com o objetivo de avivar em todos nós o sentimento elementar de coerência para conosco mesmos: se ingressamos em uma Faculdade de ensino superior, não pode ter sido (e se foi, está errado) para desassistirmos aulas e cuidarmos, precipuamente, de "trotos", "pinduras", política acadêmica, excursões, oratória demagógica e acafeitamento de assembleias do Centro, enquanto ruminamos o melhor meio de "colar" nos exames. E' tempo de cada um de nós se compenetrar, ou ser persuasivamente levado a compenetrar-se, das efetivas responsabilidades que nos impõem a profissão que escolhemos mesmo antes de exercê-la. Se realmente entendemos, como é profissão de fé diária de todos nós, que o Brasil precisa de uma reestruturação moral, que é preciso reagir e fazer regressar a onda de generalizada corrupção e desabusada irresponsabilidade que pouco a pouco nos faz submergir; se ha sinceridade nisso de dizermos que a Faculdade é um "reservatório de forças morais" cujas bases são suas tradições de lutas intransigentes pela afirmação de uma nacionalidade moral e juridicamente saudável; se efetivamente cremos que essa e outras frases-feitas do nosso ramerrão acadêmico possuem um conteúdo maciço

e eterno que existe antes e acima das figuras de retórica; — então é preciso que, pondo em prática a lição do passado, para que sejamos dignos dele, e não estratificando-nos numa contemplação piegas e saudosista, vivamos no presente a vida positiva e construtiva que ele nos impõe, reagindo, a começar por nós mesmos, contra os males que, publicamente, todos excomungamos, mas, intimamente, alguns ou muitos de nós, mal orientados ou já decaídos, vejamos com satisfação.

— Qual seria a sua orientação básica se Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto?

— Muito obrigado pela distinção. E' muito fácil fazermos programas de governo enquanto estamos "de fora", situação em que incorremos facilmente no engano de termos uma visão um tanto simples, ou simplória, das necessidades e problemas de uma instituição, particular ou pública. Aliás, mal crônico nosso é falarmos mal do governo, muito embora o "do contra" tenha sido espanhol... Creio, todavia, que se poderia

tentar atribuir ao Centro, como tarefas preponderantes no momento que vivemos, as de estimular o apêgo ao estudo, propugnar relações mais próximas entre professores e alunos e censurar publicamente, e até punir, os atos que num Código de Honra, fossem definidos como incompatíveis com a personalidade de estudantes de um curso universitário.

— Atinge a Universidade os seus fins precípuos, ou seja o estudo ao alcance de todos, com as recentes criações das Faculdades de Direito do interior?

— Em tese, sim. Num país de território tão vasto como o nosso, circunscrever às capitais dos Estados as escolas superiores, havendo possibilidade material de descentralização, é quebrar o princípio de que todos devem ter, iguais oportunidades de progresso. Se muitos residem nas capitais, se outros podem ser sustentados, ou sustentarem-se, durante o tempo exigido por um curso superior nas capitais, a grande maioria ainda deve ser a com-

posta dos que, pelos mais variados motivos, não possam transportar-se para longe de suas residências. Assim, é dever do poder público, desde que isso lhe seja possível, levar o ensino superior a centros de convergência acessíveis ao maior número. Em tese, portanto, penso que os fins a que alude sua pergunta são atingidos. Digo em tese, porque a prática pode contrariar a teoria. Mas, aí, será preciso corrigir a prática e não desistir da teoria. O princípio que manda abrir iguais oportunidades a todos assenta na Moral, a Moral, como sabemos desde o 1.º ano, é ciência do "dever ser", logo a Moral é que está certa (ou deve estar...).

— Como V. encara a possibilidade de estagiar durante 2 anos após a formatura, cujos estudos para o competente provimento se processam na Ordem dos Advogados?

— Nada sei de concreto, mas se existem tais estudos só posso encará-los estupefacto. Baixar um provimento com essa finalidade seria legislar sobre o exercício da profissão de advogado e, para tanto, "datavénia", falta competência à Ordem. A Ordem é órgão de seleção, mas não da nossa capacidade técnica inicial. Sob o aspecto técnico, a Ordem pode e fiscalizar-nos a atividade já iniciada, nunca condicionar o seu início. Quem diz se estamos tecnicamente, profissionalmente, aptos a exercer a atividade de advogado é a própria Faculdade, pelo pronunciamento dos mestres que nos tomam as contas do curso. O que a Ordem pode, e só isso lhe é presentemente autorizado pelo Regulamento aprovado pelo decreto 22.478 de 20 de fevereiro de 1933, é suspender-nos a inscrição se constatar que, na prática da advocacia, desmentimos o atestado de habilitação que lhe exibirmos, isto é, se cometermos os "erros reiterados, que denotem incompetência do advogado" a que expressamente alude o art. 41 do Regulamento. Suspender-nos por antecipação, estabelecendo uma presunção, e de pleno direito, da nossa falta de capacidade técnica, a lei não permite, por enquanto. O veredicto dos nossos professores é que constitui uma presunção, relativa embora, de que estamos aptos a "procurar em juízo", presunção que só fatos concretos posteriores ao início da nossa atuação profissional podem destruir. Não creio, por isso, que um tal projeto de provimento, se realmente existe, possa ir avante. Mas, o Centro talvez devesse certificar-se do que há de positivo e estudar a possibilidade de uma tomada de posição preventiva.

(Conclui na pág. 8)

A Mulher Perante a Justiça

DA PROTEÇÃO A MATERNIDADE — Não cabe o pagamento do primeiro período de auxílio-maternidade à mãe que trabalhou até as vésperas da «delivrance», pois o objetivo da lei é assegurar-lhe o repouso necessário e não proporcionar-lhe oportunidade para auferir proventos.

Aplicação do art. 392 da Consolidação das Leis do Trabalho. Art. 392 — E' proibido o trabalho da mulher grávida no período de seis (6) semanas antes e seis (6) semanas depois do parto. § 1.º — Para os fins previstos neste artigo, o afastamento da empregada do seu trabalho será determinado pelo atestado a que alude o art. 375, que deverá ser visado pelo empregador.

Trata-se de um processo trabalhista que Maria Lima moveu contra importante firma desta Capital, reclamando o seguinte: que em 14-4-54 por se achar em adiantado estado de gravidez, pediu e obteve a licença de que trata o citado art. 392; que nascendo o seu filho no dia 18 desse mesmo mês, perdeu as seis semanas de repouso, fazendo jus, portanto, ao auxílio maternidade correspondente a esse período (1.º período da «delivrance»). Confessa a reclamante que,

(Conclui na pág. seguinte).

Divisão de cultura e suas finalidades

EDY DE CAMPOS SILVEIRA

Ao assumirmos a direção da divisão de Cultura do Departamento Feminino, sendo de nosso feito encarar com extrema responsabilidade os encargos que nos são confiados, não quisemos traçar programas e divulgá-los, sem uma prévia reflexão a respeito dos problemas de desenvolvimento cultural do nosso meio estudantil e da viabilidade das formas de resolvê-los.

Entendemos finalidade da Divisão, não apenas proporcionar aos colegas conferências, palestras, recitais com que aperfeiçoem os seus conhecimentos científicos e artísticos, mas ainda, procurar com que esse aperfeiçoamento se faça o quanto possível atuamente.

Por outro lado, observando ser diminuta, proporcionalmente ao número de alunos desta Faculdade, a participação de colegas nos Congressos estudantis que se têm realizado nos últimos anos, e, atribuindo o fato, até certo ponto, ao escrúpulo decorrente da pouca experiência em relação a debates públicos, julgamos dentro de nossos escopos de aprendizado ativo, proporcionar-lhes oportunidade de se prepararem para esses fins em nosso próprio meio. Os debates realizados, previamente, em ambiente mais familiar poderão facilitar-lhes a apuração de suas próprias possibilidades e, quanto à participação em Congressos futuros, incutir-lhes maior ânimo conferido pela confiança da experiência já realizada.

Surgiu, assim, a idéia da "Semana de Estudos Jurídicos" que, atendendo às finalidades mencionadas, deverá constituir, ainda, uma semana preparatória para o Congresso Jurídico a realizar-se em setembro vindouro na cidade de Belo Horizonte.

Com o mesmo espírito, o de dar um caráter mais dinâmico às realizações e, considerando ainda o maior estímulo e interesse que o aspecto coletivo possa trazer ao estudo, foi organizada, integrando um dos setores da Divisão, uma Comissão Permanente de Estudos, com o objetivo de estudos e pesquisas em torno de problemas jurídico-sociais de interesse atual.

A nossa Divisão, considerada a extraordinária amplitude de suas finalidades, não poderia deixar de dedicar especial cu-

riho ao setor da Arte — "oasis" necessário na quase inevitável materialidade a que é forçada a vida atual.

Conferindo às atividades desse setor o sentido universitário com que pretendemos caracterizar todas as nossas realizações, dedicamos todo o nosso melhor interesse ao Artista Universitário.

Nossa intenção dar-lhe a mais ampla oportunidade, quer no sentido da divulgação de suas qualidades artísticas já comprovadas, quer no de incentivar os que ainda necessitem descobrir a si próprios, criando-lhes o ambiente de compreensão e acolhimento necessários aos primeiros passos nos "caminhos áspers" do triunfo artístico.

Com esses e outros ideais, demos início às atividades da Divisão cujo programa deverá seguir, em linhas gerais, as finalidades mencionadas.

A medida que forem sendo julgadas viáveis às realizações, irão sendo levadas ao conhecimento dos colegas, pois, somos contrários à divulgação de planos cuja concretização muito se afaste ainda da realidade.

ATIVIDADES

I — SETOR ARTÍSTICO

Recital — Gilberto Tinetti (piano)

(Em colaboração com a Divisão Social)

II — COMISSÃO DE ESTUDOS

1) "Profilaxia da criminalidade" (em relação ao infanticídio e ao abortamento criminoso)

Assunto em estudo por Edy Silveira, com a colaboração de Zeneida Fávero.

2) A realizar-se, em dia do mês corrente, visita à Escola Paulista de Medicina (Hospital São Paulo) onde o Prof. Alvaro Guimarães Filho, eminente catedrático daquela Escola e da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, fará exposição sobre o tema: "Assistência à mãe solteira como medida profilática de criminalidade".

3) Visita a Asilo de Menores Abandonados, em início de pesquisa sobre o problema do menor, em colaboração com "Forum Feminino".

III) "SEMANA DE ESTUDOS JURÍDICOS" — providências preliminares para sua realização em colaboração com a Divisão de Cultura do Centro Acadêmico XI de Agosto.

A MULHER PERANTE A JUSTIÇA

(Conclusão da pág. anterior)

Embora advertida pelo médico que a assistia, se enganou quanto ao estado de gestação, pois deu à luz quatro dias após o afastamento do serviço. Entende pois, que renunciou ao repouso a que tinha direito por lei, trabalhando em período proibido no seu estado, as seis semanas antes do parto, devendo, por isso mesmo, receber o pagamento dos salários integrais, a que se refere o art. 392. Esta é a reclamação. A Junta de Conciliação e Julgamento, julgou-a procedente, com o que não se conformou a firma reclamada, recorrendo na forma legal. Subindo os autos ao Tribunal Regional do Trabalho, a decisão da Junta foi modificada, como passamos a reproduzir: "não tem cabimento o pagamento que pretende a recorrida (Maria Lima), pois o objetivo da lei é assegurar o repouso. Condenar-se a empresa a pagar o auxílio-maternidade a empregada que abriu mão do seu direito de repouso, seria incentivar a violação da lei por parte das próprias empregadas que, em detrimento de sua saúde e da do nascituro, seriam conduzidas a desprezarem o seu direito ao repouso, para auferir proventos dos seus serviços além do auxílio-maternidade. Seria essa uma solução evidentemente anti-social, propiciadora da violação da lei por parte daquelas mesmas pessoas que o legislador quis proteger com normas sábias e adequadas".

Realmente, parece-nos que a decisão do Tribunal atende mais ao espírito da lei do que a sentença proferida pela Junta. As conquistas dos trabalhadores não se fizeram repentinamente, exigindo um longo período de lutas afim de que fossem reconhecidos direitos que lhes periclosos de lutas afim de que fossem reconhecidos direitos que lhes mais humanas. Esses direitos hoje se convertem quasi na obrigação em exercê-los pois objetivam a própria defesa biológica da raça. E' o mesmo caso das férias de trabalho, que também não se podem converter em dinheiro. A lei o proíbe como no caso do auxílio-maternidade, e o faz sabiamente, uma vez que atrás do real interesse individual de cada empregado, encontra-se o interesse coletivo da Nação, a quem cumpre zelar para a sobrevivência de uma raça forte e saudável.

O assunto fica, como sempre, à disposição dos colegas que desejarem entrar em debates.

A Função Histórico-Cultural da Universidade

NEIDE CARICCHIO

A Universidade representa dentro do plano da sociedade a cúpula cultural de uma civilização.

A civilização segue dentro de seu dinamismo próprio, uma orientação que é marcada pela concepção humanística dominante.

A concepção do homem e a determinação de seu destino estigmatizam uma sociedade. E' o seu humanismo.

Cabe à Universidade, dentro da sua missão de cultura, dar a um grupo social uma concepção humanística uniforme, que será a direção histórica deste grupo.

Reflete, portanto, o humanismo dominante do grupo; é um refletor que, se espelha de um lado o sentido de vida de um grupo, de outro lado, representa o marco diretor para as gerações futuras.

Figurando, praticamente, o exposto, tomemos por base a Universidade de S. Paulo. Sob um aspecto é o reflexo das crises históricas e culturais, que derivam da conceitualização do homem e do grupo e de sua valoração. Por outro prisma, a Universidade deve ser, dentro de seu campo universal, o pensamento único do que seja o homem e suas finalidades e sua posição no mundo.

E' a Universidade que dá às gerações futuras o limite de sua história e a forma de sua civilização.

O destino de um povo forja-se no passado no que a cultura fixou de mais duro e candente em seus predecessores pelas experiências que a realidade forneceu.

Dentro do campo vasto da Universidade de São Paulo, exemplifiquemos a crise que se processa dentro da Faculdade de Direito: crise, que se corporifica em inúmeros problemas dos quais destacamos a

questão relativa às Assembléias do XI.

Sobre o fato pouco há que dizer: todos sabem tudo.

A Faculdade de Direito tem um campo, cujos limites não se demarcam, porque a norma regulando uma situação de fato, regula a própria vida em todas as suas manifestações. Aquêles, que se dedicam ao cultivo dessas normas de realidade, deveriam ter clareza e precisão em seus pronunciamentos, porque refletem o direito e a justiça.

Porém, desde os mais importantes problemas, os de âmbito geral, aos mais insignificantes, os de interesse particular, as Assembléias, que são por seu sentido teórico a manifestação livre da vontade dos estudantes de Direito, as Assembléias são, de fato, apenas a manifestação de uma minoria ou mal-esclarecida ou mal-intencionada.

Fora do ambiente universitário, crise análoga se desenvolve.

O regime democrático, que repousa no princípio de representação, está seriamente ameaçado, porque não há representação. O povo escolhe mal os seus representantes, que servem aos próprios interesses e temos então que, no Legislativo, o povo é representado por uma minoria ou mal-esclarecida ou mal-intencionada.

Colocam-se, em campos paralelos, os dois problemas. A cri-

se, na Faculdade, reflete em seus fundamentos a crise externa, que ameaça o regime de representação pelo princípio de representação.

Uma só causa gerou a situação atual, o problema em seus fundamentos requer a mesma eficaz solução.

E' um problema de cultura. Cultura no seu sentido amplo e profundo: conhecimento dos problemas vitais do homem e tomada de posição diante dessas questões. Requer, para isso, uma concepção da vida e do homem; um contacto com os problemas, que afligem e destroem a nossa civilização, patrimônio histórico-cultural cujo valor é inestimável.

E' a Universidade, que nos dá esse campo; dentro de suas inúmeras divisões, vivemos a realidade e suas questões, que vão de simples pesquisas técnicas a profundas indagações filosóficas.

Sob este aspecto a Universidade é uma projeção da vida.

Em uma fase posterior, surge a tomada de posição diante dessa realidade. Definem-se aqui as crises desintegradoras da sociedade, as que a afastam de seus objetivos, abalam a sua estrutura. E' a crise de atitudes, reflexo de uma inércia diante das mais graves questões; é a desvalorização de bens inalienáveis, o ataque aos valores culturais básicos de um grupo, valores que o definem e

o destinam; é a fuga ao dever de liderança, que a Universidade impõe, como elite cultural de uma sociedade.

A desvalorização do direito como uma medida do homem e do grupo, provocou o desligamento dos problemas sociais, que pontilham a realidade quotidiana, como os marcos de uma avalanche revolucionária.

A negação da moral, como padrão de vida e norma de conduta, levou o homem ao descrito e à rapina.

A ausência de responsabilidade, a fuga ao dever levou o homem a romper os contratos e as nações a quebrar tratados.

São efeitos da desintegração cultural da nossa sociedade.

Os problemas focalizados acima revelam também aspectos dessa crise cultural, que domina a vida moderna de um lado, a fragilidade cultural e política de um povo que leva o regime democrático à destruição; dentro da Faculdade (exemplo dado) a vontade soberana de uma Assembléia desvirtuada torna inconsciente e sem eco a voz dos acadêmicos.

São problemas análogos, que devem ser atacados em suas raízes, antes que a geração atual que tanto recebeu do passado, abra as suas mãos vazias ao futuro e dê sua contribuição negativa, porque nada quiseram e nada fizeram.

A mulher na sociedade moderna

YONY BLUNDI

Encerrada no sarcófago dos preconceitos, vivia a mulher, quando a evolução, qual um explorador zeloso, despertou-a para nova vida. Abriam-se, de par em par, as portas do Século XX e deslum-

brada, sem as peias do passado, encontrou-se ela no novo mundo. Como parálito livre de sua aleijão, como cego que recuperou a vista, não sabia a mulher o que admirar primeiro. As belezas da vida encantavam-na.

Corria de prazer em prazer, sugando-lhes as delícias, como abelha sequiosa voadora de corola em corola a cata de mel.

Infiltrou-se em todos os meios, em todos os lugares e desassombradamente abriu luta com o homem, que de protetor passou a seu adversário.

Longe de querer igualá-lo, tentava superá-lo.

Transformam-se então as atitudes; a criaturinha frágil e encantadora toma ares hercúleos, não admite a superioridade masculina, nem mesmo física, os modos são os mesmos, a mesma linguagem, os mesmos hábitos.

A liberdade, essa fortuna imensa, que possui, como moeda, ou rola negligentemente de sua mão ou serve para adquirir perniciosa mercadoria.

Na ânsia de tudo querer, de tudo fazer, a mulher desvirtuou-se. Bem longe se encontra de sua finalidade e no entretanto, o que poderia dar, se aproveitasse a inteligência, perspicácia, subtileza, enfim toda a capacidade de que é dotada.

Em todos os campos pode fazer algo de útil e aproveitável. Nas ciências, nas artes, nas letras, sempre há lugar para uma Mme. Curie. E como esta grande mulher, que amou o trabalho, não visando glórias e vaidades, porém o bem comum, que sofreu e no sofrimento encontrou alegria, esta mulher deve ser o exemplo das jovens modernas.

Na nossa atividade, campo tão vasto para mitigar o sofrimento, não devemos ter em mira somente o dinheiro, mas consolar também aqueles que não possam dispêndê-lo. Não considerar só o valor monetário da causa, porém o conteúdo da mesma, resolvendo-a criteriosamente.

Principalmente nos casos de desquite, casos frequentíssimos, compreender, esclarecer com consciência os cônjuges, que muitas vezes afogam seu amor na exaltação, cólera, questões ridículas e rancores, porque são inexperientes e não estavam preparados para os sacrifícios mútuos que o casamento exige.

CAN THIS MARRIAGE BE SAVED? é uma bela página que a revista americana, "JOURNAL", publica, encerrando grandes ensinamentos, que poderão ser ministrados por uma advogada que queira ser a apóstola do bem.

Trabalho grandioso, também, poderia desempenhar a mulher que faz carreira política. Não se imiscuindo em conchavos inconfessáveis, contudo, cuidando de legislar e legislar bem.

Uma vez que o divórcio é instituto jurídico tão ansiosamente esperado e que um dia fatalmente virá, pois não é causa, porém efeito, é necessário que seja rigoroso, afim de que se transforme em remédio aos casais infelizes e não tóxicos para os que vivem bem.

De nada valerá a liberdade que a mulher adquiriu se não souber aproveitá-la. Com a possibilidade que tem de cultivar seu espírito, não deve materializar-se, embrutecer-se.

Urge que a mulher se desintoxique de tanta futilidade. Que não usufrua somente os prazeres da terra, mas que dê alguma coisa de seu, de sólido, de verdadeiro, para que sua contribuição, no lar, nas escolas, possa influir na formação dessas pequeninas almas, que assim fortalecidas, orientadas, construirão um mundo melhor, onde reinará, não temporariamente, porém para toda vida, a paz, a fraternidade, o amor.

CANÇÃO DE ESPERA

AMARILYS CASTELO.

Antecipando a presença de teu rosto
minhas mãos traíam forma de carícias.
Tu virias, eu soube, e em tua ausência
forjei minh'alma para o teu embalo.
Suavidade mansa de tua face
como um fruto maduro nos meus dedos.
Como eu te esperei!... E não sabias...
E julgas que te amei quando chegaste...
Não compreendeste êsses carinhos sábios
nascidos nestas mãos há talvez séculos
e há séculos talvez à tua espera.
Nem soubeste que meus olhos me trouxeram
no primeiro sorriso, contemplado
em lábios de outro homem, tua imagem.
Que no primeiro beijo eu tive apenas
a intuição de que inda não vieras.
Mas virias, eu soube, e em tua ausência,
plasmei meus braços para o teu repouso.

Veteranas e "calouras" confraternizam-se



Recepcionando as novas acadêmicas, o Departamento Feminino ofereceu-lhes um chá, na tarde do dia 14 do corrente, na residência da colega Ondina Bergam, à Av. Pacaembú, 1911. Das mais cordiais e simpáticas foram as saudações que às «calouras» dirigiram Neide Caricchio, em nome do Departamento, e o colega Licínio da Silva Filho, em nome do Centro. Da agradável recepção, o clichê fixa um aspecto.

Nunca teve razão de existir...

(Conclusão da pág. 6)

(U. S. P.) estender o seu período de aulas possibilitando ensino prático do Direito aos alunos?

— Existe realmente deficiência e crise no ensino jurídico brasileiro?

— Deve existir. Se o Brasil é presa de uma crise de desintegração moral notória, os reflexos do mal não de fazer sentir-se em todos os setores da nossa deficiente ação humana. Mas, só conheço nossa Faculdade e assim só me será lícito falar do que aqui vejo. Crise, não ouso dizer que haja. Deficiência de ensino, sim. Com um ano letivo reduzido a 4 ou 5 meses de aulas efetivas, das quais muitos de nós só assistimos o estritamente necessário para garantir a frequência, não é possível ministrar e receber sinão um conhecimento perfunctório das extensas disciplinas do curso.

— Eis assunto para discussões demoradas, que requerem, de saída, definição do que seja "ensino prático". Como não sei se há um conceito suficiente dessa expressão, prefiro continuar formando entre os adeptos do que existe, isto é das aulas teóricas; para mim, o ensino teórico ainda é o mais prático, na ciência do Direito. Estou convencido, ainda, que o ensino teórico muito contém de prático. Aliás, se não aprendemos o "porque" das coisas do Direito, não poderemos aprender, com o necessário tacto, as próprias coisas. Não creio, por outro lado, que práticas forenses e tabeliões, se é isso o que se quer significar com a expressão "ensino prático", possam ser eficientemente adquiridas no recinto fechado de uma sala da Faculdade; não duvido que as aulas acabassem por tornar-se, também teóricas... Mas, o assunto comporta maiores indagações, que não cabem nas linhas gerais desta entrevista. O Centro é que, talvez, pudesse patrocinar estudos a propósito.

— Justifica-se, na atual conjuntura, a incapacidade relativa da mulher casada, estabelecida pelo legislador brasileiro?

— A resposta será fácil, se v. quer referir-se à disposição contida no inciso II do art. 6.º do Cod. Civil. Essa disposição, tanto quanto aprendemos e é facilmente constatável, nunca teve razão de existir. Contrasta com o significado técnico da expressão, "incapacidade relativa", que é a incapacidade para praticar, por si, os atos da vida civil; contrasta porque é o próprio Código que, mais adiante, lhe desmente a afirmativa. Ao tratar dos direitos e deveres do marido e da mulher, o legislador confere a esta a prática irrestrita de uma série de atos típicos da vida civil, que culminam no art. 251, ao admitir que se entregue à mulher, nos casos

que especifica, a chefia da sociedade conjugal. Se a mulher fosse relativamente incapaz, no sentido técnico, jamais poderia ser-lhe atribuída uma posição de tal relevo na sociedade conjugal. Aliás, se a mulher fosse relativamente incapaz, então teríamos de reconhecer que, à letra da realidade, o homem casado também o seria, dadas as limitações que o próprio Código lhe impõem. Um pouco de leitura do livro que trata do "Direito de Família" no Código, acompanhada de outro tanto de reflexão, convence, eloquentemente, da inanição do inciso II do art. 6.º. O que há são simples restrições específicas à livre movimentação não só da mulher,

como do seu marido, no superior interesse do instituto da família, cuja preservação sobrepõe, aos interesses pessoais de cada um de seus membros. É verdade que a mulher leva alguma desvantagem no confronto das restrições. Algumas poderiam ser levantadas, outras deveriam ser comuns a marido e mulher. Sempre subsistiria, porém, e isto me parece que a mulher pode reconhecer, pois não lhe é desdouro algum, um saldo a favor do marido, como saldo a nosso favor existe na liberdade de agir que a sociedade organizada confere a nós homens, certa ou erroneamente, em relação às mulheres.

Nossa Homenagem

"Ao Ninho de Aguias"

Há já dois meses fomos acolhidos no n.º 2.044 da Av. São João, ou seja, na conhecida "Casa do Estudante" do "Centro A. XI de Agosto". Para a maioria dos que nos lêem, isto, natural e logicamente, pouca importância terá e ainda menor interesse despertará. Para nós, contudo, este é um fato do qual pela vida afora nos lembraremos, e por isso mesmo não poderíamos de modo nenhum deixar de passar para o papel deste jornal todo o nosso reconhecimento e admiração por essa potência que é o "C. A. XI de Agosto". Há três anos nos achamos em São Paulo, vindos lá da longínqua Sta. Cruz do Rio Pardo encravada na alta Sorocabana. Desde então, como a maioria dos estudantes adventícios, vimos dando por paus e por pedras nesta São Paulo de lutas e mais lutas. Como todos, também fizemos a nossa triste e penosa romaria pelas pensões da capital durante a qual convivemos com portugueses, italianos, alemães espanhóis, pulgas, ratos e percevejos. Em muitas destas pensões entre aspas o tratamento era ligeiramente piorzinho do que em Buchenwald ou Dachau, os conhecidos campos de concentração alemães. Passamos por humilhações, desaforos, e sustos, que faziam da nossa vida de estudante que trabalhava um verdadeiro inferno. Por fim, a Faculdade, a tão suspirada Faculdade, resolveu abrir-nos os braços. E com ela finalmente, veio a oportunidade de nos aboletarmos neste paraíso repartido em onze andares que é a "Casa do Estudante". Só mesmo os que passaram por idênticas vicissitudes é que podem realmente dar o valor a isto. Aqui nos senti-

mos como em casa, envolvidos por essa sensação quase física de aconchego e segurança que não se encontra longe da família. De modo algum, portanto, poderíamos deixar de agradecer esta acolhida fraterna que nos proporcionaram. Atualmente dirigida por esse modelo de esforço e dedicação que é Euválio Atalla, o "Ninho das Aguias" é agora um desmentido peremptório aos que contra ele lançam críticas no que respeita à sua moralização, que já é um fato consumado e facilmente constatável. O único barulho que se nota agora, srs. moralistas, é o da água correndo das torneiras e, esporadicamente, o dos sustos e mebóis lançados aos ares pelos Carusos de banheiro...

O ELEVADOR

O elevador da CASA continua sendo a dor-de-cabeça dos que moram nos andares superiores. O Mané, zelador e segundo pai de todos os moradores do "Ninho das Aguias", nos explica que o ascensor ressenete-se da falta de 8 contactos, 8 carvões, 1 jogo de lonas (para o brique) e 5 litros de óleo n.º 250). Adquirido esse equipamento, o aparelho estaria em condições de funcionar com perfeita normalidade durante seis ou oito meses. Do jeito que está, diz o Mané, "qualquer dia a coisa cai". Preço total de todo o material: Cr\$ 5.500,00. Porque ainda não foi adquirido? Bem, isto já é outra coisa. A administração de Casa não é feita pelo Padre Donizetti, de Tambaú, e por isso os milagres são impossíveis. O fato líquido e certo é que a falta de numerário decorre da demora e mesmo da "insolvência" quase definitiva de muitos moradores de Casa quanto ao recolhimento da taxa mensal de Cr\$ 100,00. Notem bem: são cem cruzeiros mensais, tão somente, mas para recebê-los, que dificuldade! É justo isso? Deixemos o problema a cargo da consciência dos colegas impontuais. Não sabemos se o "C. A. XI de Agosto" está desobrigado de auxiliar a manutenção da Casa. Mas se está, já é mais do que tempo de serem tomadas providências que no caso cabem. Já se alvitrou mesmo, por aqui, que se fizesse uma coleta de fundos necessários para a completa normalização das necessidades da Casa. Será justo, e... agradável, isto, Presidente Barreto? E' preciso que o Centro prestigie realmente a profícua administração de Euválio Atalla, facilitando-lhe a espinhosa e ingrata tarefa, cujo desempenho não pequenas dores de cabeça lhe tem trazido, e que realmente é uma tarefa hercúlea.

"DIGO O QUE SINTO E SINTO PORQUE DIGO"

MARCIO PRUDENTE CRUZ

Muito bem afirma o Prof. J. Adelino de Azevedo que se há muito nosa Academia foi um ninho de águias, hoje não passa de um ninho de pardais. Infelizmente, esta é a verdade, a apatia tomou conta daquele espírito combativo, lutador, sempre pronto a cerrar fileiras junto aos que se propuzessem a defender boas causas.

Já lá se vão os tempos em que os acadêmicos de direito eram admirados pelas suas iniciativas, lutas em defesa dos interesses da sociedade e de nossa Pátria. Acredito que se estas ARCADAS nos pudessem acusar, ficariamos ruborizados e não seria para menos, pois, elas acolheram em suas sombras os construtores de nossa TERRA. Hoje, ah! que lástima, nem é bom imaginarmos, nem é bom ventilarmos este assunto.

— Todavia, ainda (Glória a Deus nas alturas) existem aqueles que procuram preservar as tradições (fica entendido que eu refiro-me as culturais) de nossa escola. Sim preserve-as com feitos, atitudes e empreendimentos dignos dos grandes vultos que por aqui passaram.

Colegas! Ser moço é ser combativo, lutador, é ser disposto a enfrentar os mais variados obstáculos, para vêr triunfar as grandes e boas causas. Vamos, pois, reagir contra essa preguiça moral, vamos fazer entrar em erupção este vulcão benigno, que é nossa Faculdade. Vamos combater esta epidemia de cursos jurídicos, vamos prestigiar nosso Teatro, vejam bem NOSSO Teatro, vamos combater os que se propõem a desmoralizar-nos, com gestos e atitudes indignas de um futuro defensor da JUSTIÇA.

Enfim, mostremos ao BRASIL que os estudantes do Largo de São Francisco, estarão sempre alertas em defesa de seus interesses, da sociedade e de nossa tão maltratada Pátria.

POLICIA

(Conclusão da pág. 6)

ser arroladas como testemunhas do cenas abjetas, enfim é um desenrolar contínuo de cenas em que menores e mulheres são obrigados a renunciar ao seu pudor e que se sentiriam mais felizes, ou pouco menos infelizes se se deparasse com uma escrevente, uma médica, uma assistente social, uma advogada, conforme o caso compreensivas e humanas, participe dos dramas ali descritos, sentindo, com a sua consciência de mulher e profissional honesta, a dor dessas criaturas que tanto precisam de uma voz esclarecida e confortadora. E, assim, contando com policiais homens decentes, dispostos ao trabalho de polícia preventiva e com funções específicas das mulheres, com ciência e bondade, a Polícia de S. Paulo talvez atingisse aquelas alturas que Roosevelt queria atribuir ao serviço policial, como o quarto direito do homem, ou seja, o direito dos cidadãos não terem medo da Polícia.

Notícias da Casa do Estudante

O ritmo de vida acadêmica na majestade de concreto e aço que o esforço da mocidade de ontem erigiu na Avenida São João, está quase a se normalizar. Realmente já quase todas as vagas foram preenchidas. Quase todos os moradores formados se mudaram ou estão para mudar, cumprindo o determinado pelo compromisso assumido e deixando saudade nos colegas com quem conviveram grande parte dos gostosos e curtos cinco anos de Academia. Muita gente nova se encontra. Nova na Casa, vale ressaltar, desde que são quase todos velhos conhecidos das Arcadas. E é de se notar que a felicidade e a alegria mal contidas pelo fato de se terem instalado na Casa do Estudante, lhes marcam profundamente, com o rictus da satisfação, os rostos jovens. Incentiva-se-lhe a vontade de estudar, na Casa. Cresce-lhe a amizade e o coleguismo no ambiente de coleguismo e amizade mais sadio de São Paulo de hoje. Enobrece-se-lhe o ideal no convívio dos companheiros de vocação que tudo fazem por realizar em si o sonho e o ideal da primeira adolescência. E desta amálgama de incentivo, de valor e de nobreza, se enobrece e se valoriza com eles o espírito da Casa do Estudante.

Deve ter sido um momento de feliz inspiração aquela que levou o poeta a imaginar a Casa do Estudante como uma imensa árvore em meio do bosque de arranhá-céus que é a cidade de hoje. Sim, é uma magnífica imagem, nós o sabemos e quanto... Pois realmente, a Casa, nesses oito anos de existência, tem sido a árvore a cuja sombra centenas de moços se abrigam e em cujos ramos, miríades de idéias e ideais têm frutificado.

E' este o pensamento que nos move há mais de ano na propagação do nome e das notícias da Casa do Estudante através do Estado e através do Brasil. Olhamos para frente e para cima, quando o fazemos. Sobrenadamos o vulgar para nos colocarmos, com esforço, paralelamente ao mérito do assunto para dignificá-lo e nos dignificarmos com ele.

Repetimos: quando redigimos Notícias da Casa do Estudante olhamos APENAS para a frente e para o alto.

ENTRE OS NOVOS MORADORES, se conta o popularíssimo e simpático redator esportivo desta fôlha, nosso colega Pedrinho Furlan. Como "calouro" da Casa, aplicaram-lhe um troféu de espírito a que ele não se furtou nem com o qual se molestou. Ora, sabemos que todos os móveis da Casa ao Centro pertencem. Salvo uma ou outra poltrona que o acadêmico adquiere ou "herda" para seu conforto maior. Pois bem. Venderam uma cama da Casa ao Pedrinho. E ele comprou. Consta-nos haver pago a estrofoférica soma de quinhentos cruzeiros, por ela. Naturalmente, à esta altura, já foi reembolsado. Mas falou-se muito sobre isso, na Casa e nas Arcadas. Foi ele mesmo que nos contou.

A TURMA DE SÃO CARLOS, que é uma das maiores da Casa, não deixa de ser, também, uma das turmas de maior valor. Nela se contam poetas, contistas, oradores. O Prigenzi, o Agnaldo Bastos, os irmãos Olney e Osmany (o primeiro já partiu), o Peixoto e o enxadrista Di Muno Correia. E' nossa intenção, para o futuro, ilustrarmos esta coluna, como já algumas vezes o fizemos, com suas obras poéticas e, se não se opuseram, seus retratos.

NÃO E' MENOR NEM INFERIOR a turma santista. Basta dizer que o Luiz Caetano, ex-diretor da Casa é santista. Jaime Katz, o articulista delicioso deste jornal, autor de "INTERURBANO 0-7", "ENCONTRO INESPERADO" e tantos artigos de fino gosto literário, além de orador inigualável na tribuna do júri acusando o Aborto, também é de lá. De lá é o Raimundo Correa e de Santos é mais um grande número de acadêmicos moradores que emprestam à Casa o valor de sua cultura e a virtude de sua simpatia.

HA' TAMBÉM A TURMA DE Campinas, por exemplo o José Roberto, conhecedor de literatura, de poetas e poesias modernos principalmente e notadamente portugueses. De Casa Branca, a intuição jurídica do Clarindo, já que o Dourador, analista de Dostoiévski e apreciador de bolos do Varanda já se foi. De Minas Gerais uma grande turma, boa, inteligente, viva sobretudo e até nordestinos e nortistas.

MAS OS PROBLEMAS DA CASA continuam aí desafiando quem os queira solucionar. O pior é que são agravados de muito pela falta de pagamentos de alguns. Urge Porém que sejam resolvidos. O elevador, muita vez parado, por falta de material ou de verba para substituir determinadas peças vitais. Conhecemos de perto este problema e sabemos que, à medida que se o vão adiando, menos solúvel ele se apresentará, eis que a aspiral da inflação não para e em suas volutas eleva o preço das peças ao teto do proibitivo. A água, sem contar com o atrasado, o gás e o telefone, a limpeza e a cera, são despesas que podem ser cobertas perfeitamente, pelo orçamento da receita. Sabemo-lo em vendo os balancetes do ano passado. De qualquer modo, trabalharemos no que for possível pela grandeza da Casa. Pelo seu bem estar material, já que do ponto de vista moral, se devêssemos falar nisto, reabilitamo-la. E todos devem estar ombro a ombro para, em agradecimento ao abrigo que nos deu ela durante os últimos cinco anos, deixemo-la com o menor número de problemas possível, para os futuros moradores resolverem. Usemos as inteligências que Deus nos deu. O valor que adquirimos nas lutas acadêmicas. O direito de nos honrarmos da Casa. E o dever de legá-la engrandecida aos colegas que vierem.

INDICADOR PROFISSIONAL

SYLVIO TH. BELEGARDE ARAUJO
EDMAR DE ARRUDA MILANI
ADVOGADOS

Praça do Patriarca, 78 — 4.º andar — Sala 44 — Fone: 32-7793
Av. Dr. Vieira de Carvalho, 172 - 3.º andar - C. 305 - Tel.: 35-0444

HELIO BARRETTO MATHEUS
ADVOGADO

Praça do Patriarca, 78 — 4.º Andar — Sala 41 — Tel.: 32-7793
Residência: Rua dos Bandeirantes, 96 — Tel.: 346325

VICTOR AUGUSTO FASANO
ADVOGADO

Residência Rua dos Bandeirantes, 96 — Tel.: 34-6325
Escr.: Rua José Bonifácio, 367 — 8.º andar — Tels.: 36-0641 e 33-1054

ALEXANDRE GNOCCHI
ADVOGADO

RUA LBERO BADARO', 93 — 3.º ANDAR — FONE: 32-9008

MANOEL J. DE CARVALHO
ADVOGADO

RUA JOSE' BONIFACIO 209 — 9.º ANDAR — SALAS 908 e 910
TELEFONE: 32-7921

CALÇADOS DE LUXO

Palaiá

Uma Luva Para Seus Pés

SIGISMUNDO PALAIÁ

FILIAL:
R. Theodoro Sampaio, 2.324
Fone: 80-1853

MATRIZ:
Largo São Francisco, 52
Fone: 32-4256

SÃO PAULO

Neste ano, ingressaram na Universidade de São Paulo 1.989 alunos. Inscreveram-se no concurso de habilitação ao 1.º ano de seus vários institutos, em 1955, cerca de 5.000 candidatas, segundo dados apurados pela 1.ª Divisão de Difusão Cultural da Reitoria da Universidade de São Paulo. Foram reprovados nos vestibulares 3.341 candidatas e 458 desistiram do exame de ingresso.

O mês de maio foi sempre, sob as Arcadas, a época por excelência da política acadêmica. Desta vez, esteve ela em grande efervescência. Movimentaram-se candidatas, partidos, calouros e cabos eleitorais: é que se realizaram as eleições para o preenchimento das vagas existentes nas Comissões Diretoras dos partidos.

O desenvolvimento da Universidade de São Paulo, neste últimos anos, tem sido promissor. Digno de nota é o fato de a nossa Universidade ser hoje, no Brasil, um dos centros mais preferidos pelos estudantes estrangeiros que procuram especialização em nosso país. Assim, havia, em 1950, 216 estudantes de nacionalidade estrangeira, subindo esse número para 340, em 1954. O motivo dessa procura é ter a Universidade de São Paulo conquistado justo renome no Brasil e no exterior, pelo fato de proporcionar ensino às alturas das tradições culturais do maior Estado da nação.

O ambiente acadêmico apresenta, contudo, aspectos desagradáveis, nos dias que correm. Suspensões, rusgas frequentes entre professores e alunos. Ambiente de expectativa e desconfiança. Delação de páteo. Enfim, dir-se-ia que a Faculdade está a apresentar um jeito diferente, onde parece fugir o antigo espírito acadêmico, a tradicional amizade, a responsabilidade de antanho.

Neste momento, realiza-se, no Rio de Janeiro, um Congresso que reúne os redatores de todos os jornais universitários do país, patrocinado pela U. N. E. O Congresso, que teve seu início no dia 23 de maio, contará também com uma sessão solene de entrega de prêmios aos jornais universitários que vencerem a Exposição por ele patrocinada. O Onze, nestas condições, seguiu para o Rio.

Mas não foi apenas este ambiente desagradável o que caracterizou a volta acadêmica do mês que passou. A velha Academia é ainda sempre nova. Os estudantes, na Sala que lhes emprestou o nome, ergueram um quin-quin-querum prolongado e festivo, na noite de 9 de maio, ao seu Mestre Waldemar Ferreira, que, neste ano, despede-se da Faculdade. O ju-

ZIGUE ZAGUE

FORA DA FACULDADE

DENTRO DA FACULDADE

rista, o cidadão, o professor e o político impolutos foram saudados, na palavra do antigo aluno e atual professor Moacyr Amaral Santos.

Em Piracicaba, realizou-se o VII Congresso Estadual de Estudantes, patrocinado pela União Estadual de Estudantes, e em que se reuniram representantes de todos os Centros estudantis de escolas superiores do Estado de São Paulo. Um dos candidatos à Presidência da U. E. E., neste ano, saiu do Largo de São Francisco, sendo, entretanto, vencido nas eleições, por um pequeno número de votos.

Na noite mesma em que se homenageou o Prof. Waldemar Ferreira, tomou posse, em sessão solene, a nova Diretoria da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. A Mesa, assentaram-se numerosas personalidades, entre as quais notamos o senador César Lacerda Vergueiro, o Prof. Pinto Pereira, o Prof. Ernesto de Moraes Leme e o Presidente eleito, Dr. Roberto Victor Cordeiro, além do acadêmico Licínio Silva, Presidente em exercício do C. A. XI de Agosto, por impedimento do acadêmico Luiz Carlos Pereira Barreto.

A Diretoria do Serviço do Trânsito, em São Paulo, viu, de uma hora para outra, o Largo tomado de carros de estudantes. Não foi possível aquele organismo protestar, gritar ou reclamar. Os moços resolveram que o Território era Livre mesmo, e estava acabado...

No dia 4 de maio, entretanto, fervilharam, nas Arcadas, os grupos, conversas, as discussões: no páteo, em cada rodinha de quatro acadêmicos, podiam-se divisar cinco políticos. E' que na Sala do Estudante, com início às 18 hs. se realizava a Assembléia Geral do Centro, convocado para tratar da posição do Onze diante do VII Congresso Estadual de Estudantes. Houve o problema da constituição das bancadas, ventilado também embora não constando do texto da ordem do dia. A reunião, agitada e viva, prolongou-se até 22 hs. Oradores principais: Jefferson Siqueira, Teodósio, Rufens Paes de Barros, Daniel Schwenck, contra a orientação do Presidente do Cen-

tro. Favoravelmente a ela, Cicero Campos Roberto S. Caiuby Novaes Walter Rangel de França e Wagner Pires.

Foi aprovado, no Congresso Estadual de Estudantes que aconteceu em Piracicaba, uma tese pitoresca, recomendando a inclusão da Escola de Educação Física na Universidade de São Paulo. Foram aprovadas, também algumas outras teses de importância, como a que se refere ao aumento do currículo dos cursos de Farmácia e Odontologia para quatro anos.

Enquanto os discursos, as mocções, os protestos e os apertes ecoavam na Sala do Estudante, pronunciava-se uma conferência, na Sala Barão de Ramalho, sobre as prisões abertas. O conferencista, que foi o próprio Diretor da Penitenciária de Neves, projetou alguns filmes rodados nos diversos pavilhões daquele estabelecimento agrícola. Na Mesa, radiante como sempre, o Dr. Astor Guimarães Dias.

Outra tese aprovada pelo plenário do referido Congresso de Estudantes foi a que apresentou a Faculdade católica de Direito. Seu título, «Aproveitamento do rádio no ensino universitário», dis bem dos aspectos multivários aspectos pitorescos e humorísticos de que se revestiu aquele conclave. Uma das teses, por outro lado, recomenda a circulação semanal do jornal da U. E. E. Já que o plenário a aprovou, tornar-se-á possível circular tal noticiário...

No dia 5, os membros do Partido Acadêmico Libertador elegeram os componentes da nova Comissão Diretoria daquela agremiação. Ao acadêmico Dalmo de Abreu Dallari, antigo redator deste jornal, cabe a maioria dos votos.

Mais um candidato surge, ao cenário político desta grande terra, visando às eleições de outubro próximo. Assim, a cáfila dos sobreviventes de 24 de agosto terá a enfrentarem-na dois candidatos. Ao lado do sr. Etelvino, de há muito já lançado, surge agora o enigmático Juarez. De uma como de outra maneira, o que interessa é acabar com os últimos resquí-

cios dos vinte anos mais negros da história brasileira.

O hasteamento da bandeira, neste ano, teve consequências desastrosas: uma brincadeira de mau gosto, delação de colegas, rusgas com a Congregação, moças envergonhadas, colegas revoltados, gente chamada a inquirir, muitos colegas apoiando, outros protestando discussões, ondas, conchavos e suspensão da Comissão de Trote, pelo Diretor da Faculdade, suspensão, em boa hora revogada pelos professores.

Aproximam-se, também, as eleições para a Câmara de Vereadores da Capital. Permanecemos esperando, pois é quase certo que numerosos colegas de Faculdade candidatar-se-ão às cadeiras do legislativo municipal, como tem Deputados Estaduais. Nessa ocasião, então, haveremos de tecer maiores comentários...

A Academia de Estudos Literários e Jurídicos «João Mendes», reunida na Casa do Estudante, resolveu, em sessão realizada num domingo do mês que passou, hipotecar inteira solidariedade ao movimento de saneamento do ensino superior, comprometido e seriamente enxovalhado pela criação intempestiva de cursos de Direito pelas cidades do interior. A Academia, que se dedica ao estudo do Direito e ao treinamento de seus membros na Oratoria, não se esquece, assim, de desenvolver oportuna luta cívica.

Aproximam-se a realização, em prazenterias capital de Minas, inúde Estudos Jurídicos. De 3 a 10 de setembro deverão reunir-se, na prazenteria capital de Minas, inúmeros acadêmicos de Direito de todo o país, a fim de estudar e discutir teses, ventilando problemas jurídicos de suma importância, como se pode ver pelo tema do conclave.

O tradicional Colégio de Pedro II, no Rio abriu recentemente concurso para o preenchimento da vaga de professor de História Geral e do Brasil. O concurso causou maior sensação do que poderia esperar o Colégio é que dele participa, como um dos concorrentes, o próprio Reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, que já defendeu sua tese.

COLEGA!

Frequente o
Restaurante do
Centro.

AO PREÇO FIXO

Roupas para homens — Camisaria, etc.

RUA DIREITA, 250
RUA QUITANDA, 157
SÃO PAULO

NO DEPARTAMENTO DE CULTURA

ESTÃO PROGRAMADAS GRANDES ATIVIDADES

O 3.º volume das «Tradições e Reminiscências» — Homenagem à memória de Lobato — Conferências e concursos — A viagem de Pereira Barreto ao Rio

Esteve no Rio de Janeiro, no início do mês p. p., o Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, acad. Luis Carlos Pereira Barreto. Esteve ligada a sua viagem aos entendimentos que se vem processando entre a diretoria do nosso órgão acadêmico e o Ministério da Educação e Cultura, visando à publicação dos volumes restantes da obra de Almeida Nogueira que é uma verdadeira história da Academia, as «Tradições e Reminiscências da Faculdade de Direito de S. Paulo». Já foi entregue ao Ministro da Educação, Prof. Cândido Motta Filho, o terceiro volume da obra, que será editado pelo Instituto Nacional do Livro, como homenagem aos acadêmicos.

LOBATO

Avistou-se, ainda, o Presidente do C. A. XI de Agosto, com várias personalidades do mundo intelectual, que foram convidadas para participar de uma homenagem, projetada pelo Centro, à memória do escritor Monteiro Lobato. Essa homenagem, que seria realizada a partir do dia 5 de junho, está ainda em estudos, dependendo a sua realização de uma consulta à sra. Monteiro Lobato, viúva do literato. Foram já convi-

dados, entretanto, para realizar conferências e palestras sobre problemas econômicos brasileiros, o jornalista Rafael Corrêa de Oliveira, o Prof. Hermes Lima, o escritor Tristão de Ataíde, o jornalista Gondim da Fonseca e o escritor Caio Prado Júnior.

Segundo nos informou o Presidente do Centro, será instituído um prêmio de viagem ao norte do país, concedido pelo Ministério da Educação, ao autor da melhor monografia sobre Monteiro Lobato, através de um concurso, cujas bases serão oportunamente divulgadas.

GUSTAVO CORÇÃO

Revelou-nos ainda o acad. Pereira Barreto ter convidado o escritor Gustavo Corção para aqui realizar uma conferência, que seria também patrocinada pelo Departamento de Cultura do Centro Acadêmico XI de Agosto. Afirmou-nos também, que está somente esperando a resposta daquele intelectual, para programar a referida palestra.

NO DEPARTAMENTO DE APOSTILAS Continuam com regularidade as realizações

Continuam regularmente, no Departamento de Apostilas, os trabalhos dos acadêmicos dele encarregados. As apostilas neste ano, têm saído sem atraso, bem antecipadamente à época dos exames, facilitando sobremaneira, assim, o roteiro das diversas matérias do Curso de Bacharelado.

A grande dificuldade do Departamento de Apostilas continua a residir, ao que fomos informados, no problema de importação do papel para a sua confecção. Sabemos que a praça resente-se da falta de papel de importação; daí haver ainda pequenos problemas, que, entretanto, não têm perturbado grandemente a gestão dos acadêmicos que têm à frente Luiz Wallace Nigro.

Os diversos anos do curso já têm suas apostilas, publicadas em fascículos, a preço acessível. Procuremos todos resolver o magno problema do Departamento de Apostilas, a fim de contribuirmos para que desempenhe integralmente seu papel o Centro Acadêmico XI de Agosto.

O desenvolvimento da Universidade de São Paulo em 5 anos

Segundo dados apurados pela Reitoria da Universidade de São Paulo, pela Divisão de Difusão Cultural, a Universidade de São Paulo de 1950 a 1954 aumentou o seu número de alunos de 46%, isto é de 5.056 alunos em 1950 para 7.410 em 1954. Digno de nota é o fato de a nossa Universidade ser hoje, no Brasil, um dos centros mais preferidos pelos estudantes estrangeiros que procuram especialização em nosso país. Assim é que havia, em 1950, 216 estudantes de nacionalidade estrangeira, subindo esse número para 340 em 1954. Outro aspecto interessante é o de vir aumentando o número de moças em alguns institutos, notadamente, na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia. Em 1950 havia 1.001 moças em toda a Universidade e em 1954 esse número subiu para 1.654.

O CINE REPÚBLICA INAUGURARÁ DENTRO DE ALGUNS DIAS

A MAIOR TELA DO MUNDO

COM O FILME DA 20 TH CENTURY FOX

“O Mundo é da Mulher”

Com Clifton Webb — June Allison — Van Heflin — Lauren Bacall — Fred Mac Murray — Cornel Wilde — Arlene Dahl

EM TECNICOLOR

MARGINALISMO POLÍTICO

Integramos hoje uma época essencialmente politizada, onde afluem, por todos os cantos. Messias improvisados. Nunca se respirou tanto política como em nossos dias. Vivemos embriagados por ela e valorizam-se em altura desmedida é incomensurável os que a praticam. Homunculos elevam-se a altura olimpica de semi-deuses. E a razão dessa fascinação pela política é, sobretudo, porque tornou-se menos um serviço público do que um meio de vida privada fácil. Os partidos no Brasil são mais associações com fins egoísticos do que com fins coletivos. Visam a satisfação de ambições pessoais e não a realização dos interesses públicos. Subdivisão, personalismo, espírito de grupo, confuso, é a tendência de nossa atual política. Somos um País sem opinião pública concreta sem partidos políticos coesos. O poder se vê entregue, quase sem resistência ao gênio das paixões do mal. Não há união nas opiniões políticas dada a extensiva pluralidade partidária. Falta-nos força de direção política. Sentimos o artificialismo em que vive nossa política, longe e muito longe de sua verdadeira função, e sempre condenada a inevitáveis «retirada da Laguna...» Os governos partidários e facciosos tendem sempre a colocar seus adversários políticos, fora da lei e da justiça. Deflagar-se em nossos dias tremenda crise de valores. A moral desligou-se completamente da política. Presenciamos inominável política de bancarrota, de delapidações, de erros e de anarquia. Os desentendimentos e hostilidades tornaram-se epidêmicos e generalizaram-se. Desertam-se despregada e indecorosamente do cumprimento do dever. Não digo mais do cumprimento das promessas. Nossos homens públicos parecem pretender desintegrar e decompor o País de seu destino. Esquecidas estão as virtudes cívicas e o espírito de patriotismo e brasilidade, e visível é o declínio e rebaixamento dos ideais de cultura e civismo que essa avilante e execrável política inculca na mentalidade da geração presente. Relegam a meras discussões, para vespéras de eleições o ponto nevrálgico da economia agrária do País — responsável principal pela miséria e fome do povo brasileiro. Inqualificável e miserável é o padrão de vida que reina nas populações interioranas, mormente as do campo. Não se

preocupam, nem tampouco, com as incontroláveis emissões de papel-moeda que arbitrariamente fazem e a játo contínuo. Pouco ou quase nada sabem sobre as questões inerentes a padrões e empregados. Desconhecem as possibilidades siderúrgicas e hidroelétricas do País ignoram as causas perturbadoras da produção, da circulação e do consumo. Desconhecem o valor «seletivo do zebu na pecuária». A tudo, olham atônitos e em estado de embeciliação sonambúlica. Das realidades nacionais, pertinetórias e superficiais noções possuem. E não obstante, julgam capazes de adotar regimes, sistemas, inventam mundos. Pécam, eles, por exuberância de imaginação e idealismo. Não se alimentam da nossa seiva, de nossa vida, de nossa realidade, não mergulham em nossa história, ignoram as reivindicações do povo e virtualidades do Brasil. Quando muito trazem à nossa lembrança e a vocação de estranhas terras, de outros climas de outros sóis, de outras pátrias. Esquecem-se que cada povo forma uma entidade viva e tem a sua forma sociológica própria, o seu modo de vida privativo, que deriva das peculiaridades de sua formação histórica e social. Em cada povo há uma sub-estrutura de modos de ser que não permitem a sua transformação nos modos de ser de nenhum outro, e que essa irreversibilidade estrutural se verifica, sobretudo, no campo das instituições políticas. Nabuco, a esse respeito dizia, que dos graves problemas de organização nacional fazem «uma pura arte de construção no vácuo, onde as bases são as teses e não os fatores o material, a idéias e não os homens; a situação, o mundo e não o país; os habitantes, as gerações futuras e não as atuais». Verdadeiros marginalistas políticos, impregnados de um idealismo utópico, com absoluto e total desconhecimento das forças vivas e capazes da nacionalidade. São portanto, idealistas e marginalistas, cujos conhecimentos parcos não formaram ou recrudesceram no contacto com as realidades de nosso meio, idéias que não rescendem o doce perfume de nossa terra natal. E com esses conhecimentos, muitas vezes apoiados em «sonhos» pretendem, esses pseudos técnicos, construírem sistemas políticos e administrati-

vos para o Brasil. Sobre méras hipóteses criam verdades dogmáticas sobre teses vagas, consideram realidades objetivas. O fundo cultural do nosso povo é fator estranho e incomputável no jogo de seus silogismos e conclusões. Muitas vezes, as atividades administrativas, bem como problemas de organização dos poderes públicos, são tratados em inteira desconformidade com a nossa experiência histórica, com as lições do nosso passado e com as próprias realidades observadas. E a causa dessa desconcordância deriva do «marginalismo». Pois, o Estado, como realidade social não pode ser concebido com uma estrutura estranha à sociedade. Fazem, portanto, dos graves problemas políticos, dos graves problemas do Brasil, «uma pura construção no vácuo», não reconhecendo que brutais, incoercíveis e inelimináveis são as 3 forças preexistentes

na estrutura do povo-massa, as quais determinam o êxito ou fracasso de qualquer instituição política.

Urge deixarmos tudo que seja abstração, imaginação, idealismo utópico e ingressarmos numa época positiva e realista, onde os problemas políticos e constitucionais sejam colocados em bases de pura técnica e objetividade. Ver o Brasil como o modelaram os séculos e meio de sua história e de sua civilização. Conhecer o Jêca de Monteiro Lobato. Nenhuma reforma política e social tem possibilidade de vingar e realizar-se praticamente se não tem base nas tradições borbulhantes do povo-massa. A crise de que hoje atravessamos resulta do «marginalismo», ou seja da ruptura do equilíbrio entre os fatos economicos e políticos e as inteligências chamadas a dominá-las. Tudo desenvolve sem plano de conjunto, sem harmonia preconcebida.

ABATIMENTOS ESPECIAIS CONCEDIDOS AOS ACADEMICOS DE DIREITO PELO TEATRO DE ARENA E PELA PANAIR

É com grato prazer que levamos ao conhecimento dos colegas os fatos acima mencionados. O TEATRO DE ARENA concedeu gentilmente aos acadêmicos de Direito 50% de desconto nas entradas dos seus espetáculos nos dias úteis.

Também a Panair, num gesto de nímia gentileza, concedeu-nos 25% de abatimentos nas passagens domésticas.

Ao TEATRO DE ARENA e à PANAIR apressamos-nos a transmitir os nossos profundos agradecimentos em nome dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco.

ADELIA VITORIA, DO GRUPO TEATRAL XI DE AGOSTO, ENTRE AS MELHORES DA SEMANA

Publica o Diário da Noite, de 30 de Abril de 1955, a fotografia de Adélia Vitória, do Grupo Teatral XI de Agosto, entre as melhores artistas da semana, em virtude do seu desempenho em «Rosmersholm», levado à cena no Teatro «Leopoldo Froes». Alvissareira é, portanto, a notícia. Está de parabens o Grupo Teatral «XI de Agosto».

CENTRO ACADEMICO "XI DE AGOSTO"

BALANCETE FINANCEIRO REFERENTE AO MÊS DE ABRIL DE 1955

| DESPESA | | RECEITA | |
|---|------------|--|------------|
| TESOURARIA CENTRAL | | TESOURARIA CENTRAL | |
| Artigos de escritório .. | 70,00 | Anuidades | 34.640,00 |
| Assinaturas | 200,00 | Carteiras | 840,00 |
| Anuidade à U. E. E. | 4.000,00 | Bancos — emissão dos cheques ns. | |
| Despesas "Condomínio Bocaçuva" | 4.406,90 | 729.455 a 729.459 | 12.819,10 |
| Despesas Diversas .. | 145,60 | | 48.299,10 |
| Despesas legais | 250,00 | CASA DO ESTUDANTE | |
| Donativos | 30,00 | Aluguéis | 14.000,00 |
| Limpeza e Conservação | 120,00 | Mensalidades de alunos residentes | 10.300,00 |
| Ordenados | 3.000,00 | Mensalidades de alunos re | |
| Telefone | 714,00 | IAPC/SAM | 1.127,00 |
| Telegs. e correspond. | 4,30 | | 25.427,00 |
| Assoc. Atlético | 3.100,00 | DEPARTAMENTO FEMININO | |
| Bancos — depósitos efet. | 35.440,00 | Anuidades | 7.520,00 |
| | 38.540,00 | Carteiras | 240,00 |
| GABINETE DENTARIO | | Identidades | 20,00 |
| Aluguel | 2.100,00 | | 7.780,00 |
| Limpeza e conservação | 210,00 | DEPARTAMENTO JURIDICO | |
| Luz | 81,20 | Verba da Reitoria — Jan. | 2.500,00 |
| Materiais diversos | 21,00 | Idem — Março | 2.500,00 |
| | 2.412,20 | | 5.000,00 |
| CASA DO ESTUDANTE | | DEPARTAMENTO DE APOSTILAS | |
| Agua | 326,00 | Vendas de apostilas | 35.225,00 |
| Artigos de escritório | 34,00 | | 121.731,10 |
| Despesas Diversas | 237,60 | SALDOS ANTERIORES | |
| Ordenados e Gratificações | 18.500,00 | Tesouraria Central .. | 13.043,50 |
| Limpeza e conservação | 3.423,00 | Casa do estudante .. . | 8.638,80 |
| Gás | 3.838,80 | Departamento Jurídico | 1.095,40 |
| Telefone | 483,70 | Departamento de Apostilas | 2.178,70 |
| Luz e força | 4.301,00 | Departamento Feminino | 1.459,30 |
| | 31.144,10 | | 26.415,70 |
| DEPARTAMENTO FEMININO | | | 148.146,80 |
| Limpeza e conservação | 300,00 | | 21.964,70 |
| Telefone | 168,60 | | 148.146,80 |
| Despesas diversas | 331,50 | SALDOS PARA O MÊS DE MAIO | |
| Correio | 100,00 | Tesouraria Central .. | 7.449,60 |
| Conduções | 80,00 | Casa do Estudante .. | 2.921,70 |
| | 980,10 | Departamento Jurídico | 1.947,40 |
| DEPARTAMENTO JURIDICO | | Departamento de Apostilas | 1.386,80 |
| Artigos de escritório | 463,00 | Departamento Feminino | 8.259,20 |
| Despesas diversas | 38,00 | | 21.964,70 |
| Ordenados | 1.000,00 | | 148.146,80 |
| Telefone | 273,00 | | |
| Selos e estampilhas | 204,00 | | |
| Aluguel | 1.870,00 | | |
| Limpeza e conservação | 300,00 | | |
| | 4.148,00 | | |
| DEPARTAMENTO DE APOSTILAS | | | |
| Serviços datilográficos | 2.474,00 | | |
| Despesas diversas | 437,40 | | |
| Telefone | 521,90 | | |
| Aluguel | 2.283,00 | | |
| Ordenados | 10.850,00 | | |
| Despesas de produção | 4.297,00 | | |
| Material de produção | 15.153,60 | | |
| | 36.016,90 | | |
| Soma da despesa | 126.182,10 | | |

IN MEMORIAM

A Da. Otilia Ourique de Carvalho
GUILHERME HAICK

Alma fecunda de delicadezas,
Talhe esbelto, soberbo e altaneiro)
Tinhas a graça airosa das princezas
E centelhas de luz no olhar faqueiro!

Tua vida longa de carinhos quentes,
De beijos mansos e de amores puros
Encheu de luz os teus queridos entes,
Tornou-lhes tenros os acúleos duros!

Porque esqueceste o Mal pelo Perdão,
Jorrando o Amor em cada coração,
Guarda-te Deus, na paz que te acalanta,

Nas ânforas do céu onde te encerra,
A ti que entre os mortais aqui na terra,
Muito mais que mulher foste uma santa!

Luiz Carlos Pereira Barreto
Presidente

José E. Queirós Guimarães
1.º Tesoureiro

EM VÃO

ROBERTO A. BESSA

Mamãe dorme. Tudo é silêncio.
A mão do Destino
Cerrou-lhe as pálpebras.
Dorme. Silêncio.
Ela descansa, afinal.

Procuro a entre as estrélas
Na luz solar, no vento,
No raio polarizado,
E tudo em vão!
Como em vão toquei-lhe
Meus lábios nos seus lábios
Na frente nua, nos olhos,
Doido — para vê-la sorrir,
Louco — para ouvir sua voz!

Grito, chamo-a
Mas tudo em vão!
Nunca, jamais responderá.
É tarde, mamãe dorme eternamente.
Silêncio.

Os Moços Devem Lutar Contra a Desmoralização do Ensino

No momento em que o Centro Acadêmico XI de Agosto se prepara a fim de arrostar os políticos por profissão, que pretendem ver instaladas, nas ruas e bairros em que residem, escolas de ensino superior, julgamos de bom alvitre transmitir aos acadêmicos de Direito do Largo de São Francisco as opiniões do Prof. Almeida Jr. O catedrático de Medicina Legal de nossa Faculdade, sobre exercer a função de membro do Conselho Nacional de

A criação de Faculdades no Interior — Ouvindo o Prof. Almeida Jr. — Urge uma campanha saneadora — Outro problema: a crise da vida acadêmica

Educação, dedica-se de há muito tempo ao estudo do atual sistema educacional do país e do Estado, bem como à pesquisa dos aspectos pitorescos da vida acadêmica, que considera fator decisivo para a formação da nacionalidade.

Tempo houve em que os estudantes brasileiros vinham buscar em São Paulo ou no Recife a bagagem cultural que os habilitava a dirigir os destinos da nação, como tribunos, políticos ou magistrados. Diversa é a situação nos dias que correm: cada indivíduo interiorano, visando ou ao lucro fácil ou à popularidade eleitoral, reivindica uma escola para as cercanias de sua casa. Os primeiros protestos contra este estado de coisas já se fazem ouvir entre os estudantes das Arcadas, zelosos do prestígio que emoldurou até aqui a carta de bacharel. A Ordem dos Advogados também dá os primeiros passos para a luta que se esboça. O Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, por outro lado, discursava, no dia de sua posse, proclamando os moços para a campanha que se avizinha.

OUVINDO O PROF. ALMEIDA JÚNIOR

Já sabem os estudantes qual a posição do Prof. Almeida Jr., em relação ao problema. Integrante do Conselho Nacional de Educação, pugnou sempre pelo saneamento dos nossos cursos superiores, condenados a uma situação calamitosa, em virtude das epidemias periódicas de cursos supe-

mos sem paliativos: sejamos homens, produtos de inteligência!

Introspeccionemo-nos e das profundezas do subconsciente, volvamos com as salutares lições de amor ao próximo, de respeito aos circundantes, de volúpia ao patriotismo, que, temos absoluta certeza, nos estão latentes.

As nobres Arcadas tressuam exemplos magníficos em que se abismou a Pátria boquiaberta. Nas paredes dessa nobilitante Faculdade estão encrustados vultos que deixaram rastros de ouro pelos ensinamentos imparés às gerações heróicas, que também sentaram as mesmas carteiras que sentamos... Sigamos esse luzeiro, sem nos ofuscar!

Por outro lado, renunciemos àqueles colegas tragi-cômicos, cuja eloquência e suposta liderança estão intoxicadas pelo veneno de idéias moribundas e pelo alcool das noitadas estereis, que não raro "perduram".

riores, notadamente jurídicos. Colaborador da revista cultural «Anhembi», procurou sempre, pelas suas páginas, uma solução para os problemas que afligem professores e alunos da Universidade. A «O XI DE AGOSTO»,



portanto, reafirmou-lhe o Prof. Almeida Jr. o seu pensamento, propondo-se, por outro lado a informar seus leitores do que está acontecendo, no que se refere ao assunto em questão.

Afirmou o Prof. Almeida Jr. ter sido aprovado pelo C. N. E. em Parecer de sua inspiração de n.º 450, de 51, no sentido de adotar-se, para o preenchimento das vagas nas nove escolas, o critério da exigência de elementos que comprovem, pelo menos, um começo de especialização por parte do candidato. Isto tolheu os passos a muitos interessados em estabelecer-se nas cátedras interioranas. Além disso, como medida igualmente saneadora de certos males calamitosos, sugeriu o Prof. Almeida Jr. no C. N. E. que se exigisse dos candidatos uma declaração escrita de que, se aprovados, efetivamente lecionariam naquelas escolas. Na prática, entretanto, esta medida mostrou-se inoperante, uma vez que os encarregados de levar tais documentos aos candidatos conseguiram convencê-los de que os mesmos não passavam de mera formalidade, dispensando-se aqueles do cumprimento da declaração. Diante disso, nova exigência foi feita pelo C. N. E., por sugestão ainda do Prof. Almeida Jr., desta vez obrigando o candidato a apresentar um atestado de residência, que poderá certificar as autoridades da possibilidade efetiva de dar aulas naquelas cidades a que alguém se candidatar. Não obstante, todas estas medidas são, na opinião do Prof. Almeida Jr., simplesmente paliativas do mal, que é mais grave.

URGE UMA CAMPANHA

Referiu-se o Lente da Academia ao fato de que os interessados na criação daqueles cursos, que, na sua grande maioria, são movidos do intuito meramente comercial, se valem de artifícios vários, a fim de burlar a vigilância do C. N. E. Assim é que vários listas são apresentadas a advogados que, embora abalizados nas lides forenses, não possuem as credenciais de natureza intelectual para exercer o magistério superior e que, nada obstante, vaidosamente aceitam a indicação de seus nomes para as cadeiras de tais estabelecimentos.

Faz o Prof. Almeida Jr. um apelo a todos os homens honrados bacharéis em Direito, no sentido de negarem seu apoio a tais manobras, ditadas, já pela imprudência, já pelos intúitos excusos.

Urge, por outro lado, uma campanha dos moços, que leve aos patricios as verdadeiras preocupações a esta calamitosa situação. E, o pensamento do Prof. Almeida Jr., que recomenda uma ação, no presente, que preserve, no futuro, as tradições de honradez e cultura do bacharel em ciências jurídicas e sociais.

CRISE DA VIDA ACADEMICA

Problema relacionado com o que ventilamos inicialmente é o que se refere ao convívio acadêmico, tradicionalmente renovado de ano para ano, e estudado tantas e tantas vezes, em seus múltiplos aspectos, por nomes que vão enriquecendo a bibliografia acadêmica, como os de Vampre, Almeida Nogueira, Francisco Patí, Sampaio Dória, Pelágio Lobo, Carlos Penteado de Rezende e outros.

O próprio Mestre que nos concedeu esta entrevista é tratadista arqui-frequente de tão emocionante tema, e são inúmeros os artigos que tem publicado na «Revista da Faculdade de Direito de São Paulo», analisando a história, os aspectos, os fastos e as perspectivas da vida acadêmica. A reação dos estudantes contra a ditadura estacionista, em época não remota, teve nele seu mais brilhante historiador. E é com esta autoridade que se refere o Mestre ao panorama atual da Faculdade de Direito, de que parece desaparecer o convívio diuturno como elemento congregador de amizades e plasmador de cultura. Sentem-se fugir das Arcadas as manifestações da mocidade no campo das pelejas cívicas, assim como já se não vê cintilar o espírito petuciente e crítico na simples «estudantada», ou voar altaneira a poesia, ou ainda explodir em acordes sonoros a oratória. E' o «café-expresso» a substituir a palestra acadêmica em torno das mesinhas de café, é a cotterria e a massificação hodiernas a substituir as «repúblicas» e reuniões de antanho.

Mas o Prof. Almeida Jr. não é só pessimismo. E' também esperança na mocidade. Não fora também ele um moço em espírito...

Assim, acredita que os Seminários de estudos, instituídos complementarmente às cadeiras da Faculdade, se incumbiriam de parte da solução ao problema da crise da vida acadêmica. Haveria um convívio mais intenso, que não seria, nada obstante, tudo. Na França, quando da última reforma do ensino superior, tentaram os Mestres arrancar as suas escolas do marasmo e da situação calamitosa em que se encontravam, prolongando as horas do convívio universitário, que naquelas plagas já se estendia pela manhã e por parte da tarde. Em nossa terra, pouco ou nada se faz: a vida acadêmica vê-se ameaçada dia a dia, porque fatores diversos assim determinam as coisas.

Enfim, confia o Prof. Almeida Jr., em que os moços saberão preservar o legado das gerações que lhes antecederam nas Arcadas, revitalizando a perclitante e imprescindível vida acadêmica.

Acadêmicos versus Educação Social

JOSE URBANO PRATES

A nossa estrutura político-econômico-social sem falarmos na dos países ditos e havidos como magnificamente evoluídos ou exemplarmente civilizados, está postergando despidoradamente os princípios da mais comensinha educação social.

O cenário que se descortina às nossas vistas atônitas é pungente: demagogos esbravejando e gesticulando em praças públicas, com arroubos pré-estudados; tiranias de fingimentos moldados aos vocábulos sonoros e às promessas falazes; a maioria absoluta de populações mantendo um nível de vida muito abaixo do estritamente reclamado pela dignidade humana; empregados convertidos a perfunctórios automáticos... E tudo a nos bestializar, a nos fazer voltar às priscas eras do gênero humano.

Condóe-nos mais, entretanto, verificar que estas Arcadas são uma tela viva, em que tais anomalias sociais se projetam... Não é isso que já malfadadas Assembléias Gerais transpiram? Não é isso, infelizmente, que provoca tanta celexuma nas ocasiões mais decisivas para o bom nome do Centro XI de Agosto, para a conservação das imperecíveis tradições desta Casa? E isso, não é porventura completa falta de Educação Social?

Não padece a menor dúvida!

Talvez, os encômios muitas vezes desmerecidos tenham-nos atrofiado a faculdade da percepção da realidade: como poderemos ufanosamente clarinar que daqui partirá — já partiu antanhos — a futura, melhor dizendo atual, necessária reforma social, a moralidade político-econômica etc.? Se,

desgraçadamente, estamos minados pelos mesmos virus infamantes?!...

A Educação ou Reeducação Social impõe-se. Urge a promoção do conhecimento: a) da realidade social, b) da doutrina democrática, e c) do desenvolvimento do senso social.

Da realidade social vimos tratando desde o início desse desprezencioso mas sincero trabalho. Ainda ontem, aos acadêmicos desta quase lendária Faculdade de Direito foram confiadas magnas campanhas cívicas ou a elas se lançaram com aquela espontaneidade que os caracteriza e aformoscia! Para a continuidade de tamanhas responsabilidades de conduta, não é possível a irreflexão; é necessário prudência e compreensão da realidade, que nos está ferretando e cruciando. Não podemos relevar a irresponsabilidade, quer dos dirigentes, quer dos dirigidos.

Por essencialmente sociáveis e na sociedade vivermos, dela devemos participar conhecendo o papel das instituições e, principalmente, avaliando a repercussão social de nossos atos; para tanto é preciso sentirmos a realidade.

Proclamamos o convívio em democracia, cuja doutrina professamos. E' em seu sacrosanto nome, entretanto, que as Assembléias são tumultuadas e as bombas espoucam e os interesses imorais ou escusos campeiam; na sua prática que se estabelecem a anarquia e até os desforços pessoais: são as "bella omnium contra omnes" de Hobbes! Somos livres, mas enquanto não encontramos nenhum obstáculo para irmos ao

encontro do fim que nos propomos: qualquer entrave que parta do Bem-Comum, forçosamente nos tolherá a liberdade!

Preguemos e usemos a democracia tal qual, não a deformemos!

Do alto das cátedras, Mestres, que na totalidade exornam este viçiro do Direito, da Justiça, da Liberdade, do Pensamento, transmitem-nos a seiva do Saber: concerne-nos transformar os princípios aprendidos em princípios diretivos, informantes de nossas atividades, não só nos momentos de maior solenidade como nas menores relações do trato diário; compete-nos assimilar a doutrina aprendida e as reflexões sobre a realidade social; esforcemo-nos sincera e persistentemente em praticar o que se apresenta como dever social: eis o senso social, segundo o qual passaremos a pensar e agir.

Os aspectos negativos apontados e os que a sagacidade dos colegas encontrará reverberante, são decorrência irrefutável e imediata da falha Educação Social. Na idade em que nos encontramos, porém, cuidamos não poder apelar mais aos pais, a quem coube a educação primeira, pois a família representa o primeiro meio social. Por outro lado, a escola, cuja educação é sistemática e tende a influir profundamente na solidificação da personalidade, tem-nos aprimorado os conhecimentos: preenche perfeitamente seu papel; mais do que tanto não podemos exigir-lhe.

A quem vamos, então, apelar? Ao Bispo? Talvez fosse, realmente, o caminho mais acertado...

Devemos apelar para nós mesmos, para nossa consciência, para nossas faculdades de ver, julgar e agir socialmente educados, que o cáos da decadência e da dissolução de valores não nos leve de roldão.

Não nos convertamos em "homens descontinuos" lescrentes dos valores dos princípios e da coerência das atitudes. Enfim, diga-

Bolsas - Cintos - Carteiras

Creações próprias e originais

A alta qualidade e terminação de seus produtos se distinguem de seus similares

BOLSAS HENRIQUE

Rua do Arouche, 160 — Fone 34-7573 — S. Paulo

O C.A. XI DE AGOSTO NO VII CONGRESSO DA U.E.E.

NA NOIVA DA COLINA

Após uma agradável viagem de três horas, chega a delegação das Arcadas à cidade de Piracicaba. Observa a bancada a seguinte constituição: Luiz Carlos Pereira Barreto (membro nato); oito titulares, a saber, acadêmicos José Cássio Soares Hungria, José Leal de Rezende, Antônio Carlos Galvão Leite, Cícero Balbi de Campos, Caluby Novaes, Luiz Serson, Guilherme Quintanilha Almeida, Wagner Pires de Oliveira (que por motivos particulares retornou à capital antes do término do Congresso e, finalmente, dois suplentes, Flávio Guilherme Novaes (que passou mais tarde a titular, com a saída do colega Wagner)

Sessão Solene de Instalação com atraso de quase uma hora, o que teve sua justificação nos prolongados primeiros contactos entre os membros das inúmeras bancadas, com o reatamento de velhos laços de amizade, nascendo igualmente novas simpatias. Esse confronto entre as delegações, assumia às vezes um aspecto de curiosidade. Havia uma grande expectativa no ar, e no firmamento uma pleiade de estrelas indicativa de um ótimo tempo.

Precisamos destacar num parágrafo especial, a maravilhosa impressão que nos causou a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em suas imensas proporções. Constituída por um conjunto de enormes edifícios em meio a extensos e ver-

Fidalga recepção à delegação das Arcadas — Presente o C.A. XI de Agosto em tôdas as comissões — As Sessões — Baile de encerramento

me da F. de Direito de Bauru. A seguir, pronunciando-se d'uma maneira expressiva chegou a vez do estudante José Orlando Massi, em nome do Centro Acadêmico da Paulista de Direito, e o orador representante da U. Mackenzie, José Marta Filho. Além dos oradores acima citados, fizeram igualmente uso da palavra o Presidente da UEE, Osvaldo Lara Leite Ribeiro, e o professor Euripedes Simões de Paula.

Logo no primeiro dia do Congresso, dia 7, constatou-se a circulação de um boletim informativo, com o nome de "Unidade", e redigido por Osvaldo Lara Leite Ribeiro, Adelôncio Faria de Santana e Zali Cundari. Preconizava, como deixava transparecer, uma unidade nos meios universitários paulistas, isto com vista à bancada que futuramente irá defender os interesses paulistas na UNE.

AS COMISSÕES

Intelligentemente, reivindica a bancada do "XI" uma representação em cada uma das várias comissões, a saber: Antônio Carlos Galvão Leite, na C. de Tomada de Contas; José Cássio Soares Hungria, na C. de credenciais; Luiz Serson, na C. de Relatório da Diretoria; José Leal de Rezende, na C. de Declaração de Princípios (para a Sessão Solene de Encerramento); Guilherme Quintanilha, na C. de Teses e Flávio Novaes na C. de Programa mínimo.

O QUE FOI A PRIMEIRA SESSÃO PLENÁRIA

A primeira sessão de plenário teve lugar dia 9, segunda-feira. Durante a parte do expediente, foi aprovada por unanimidade uma moção de pesar do colega José Leal de Rezende, pelo recente passamento do ex-presidente Arthur Bernardes. Passando à ordem do dia, foram apresentadas as teses subordinadas ao tema "Problemas do Universitário", e que, pelo calendário aprovado, estavam reservadas àquela noite. A primeira tese defendida, tratava da inclusão da Escola de Educação Física na U. S. P. Seu autor, João de Deus Bento Vidal, discorrendo sobre vários aspectos da tese, fundamentou-se principalmente em motivos financeiros; e justificando ainda a sua pretensão no fato de ter sido admitida na Universidade do Brasil a Escola Superior de Educação Física e Esporte. A quase totalidade das bancadas, por intermédio de seus oradores, deram inteiro apoio à tese apresentada, que, aliás, já tinha merecido parecer favorável da Comissão de Teses. Foi aprovada por aclamação. Circulou na ocasião, a título de piada, a possibilidade da criação d'uma cadeira de 100 metros razos...

Outras teses apresentadas e aprovadas foram:

a) "Criação de um Semanário da UEE". Seu autor foi Charles Calil, Curi, do G. Politécnico.

b) "Criação de uma Sede Social da UEE". De autoria ainda de Charles Curi.

c) Finalizando, tivemos a aprovação pelo plenário da tese "Valoração do Professor pelo Universitário", de José Orlando Massi.

ALGUMAS TESES APRESENTADAS EM OUTRAS SESSÕES

Uma tese interessante, foi sem dúvida a apresentada pela representação da Odontologia e Farmácia, da U. S. P. Tratava do aumento do currículo daquele curso, considerando principalmente a precariedade do tempo e acúmulo da matéria administrada. Justificava sua pretensão aquela bancada no fato de já haver no país Faculdades semelhantes funcionando com curso de 4 anos de duração, como a Faculdade Nacional, da U. do Brasil.

Uma das teses apresentadas na II Sessão Plenária, tratava do "Aproveitamento do Rádio no Ensino Universitário". Con-

cluiu essa tese, após um longo histórico sobre o rádio brasileiro, fixando a necessidade de instituição de um rádio universitário. Preconizava também o aumento do nível cultural do rádio em geral. Muito viável e de atual relevância, essa tese, sem dúvida!

Na III sessão o "XXV de Janeiro" apresentou duas teses, quais "Floração das Águas de São Paulo" e "Farmacopéia Brasileira".

ULTIMA SESSÃO PLENÁRIA — BAILE — ENCERRAMENTO DO CONGRESSO

Segundo o calendário já votado, para sexta-feira após as eleições foi designada a proclamação dos eleitos, a discussão e votação do programa mínimo e administrativo, a discussão e votação da proposta orçamentária e da "Declaração de Princípios", que tinha sido objeto de trabalho duma comissão especialmente constituída.

Nessa Sessão, ainda, houve por bem ser aprovada uma proposta do acadêmico Luiz Carlos Pereira Barreto, no sentido de

que fossem criadas sub-sedes da UEE em cada cidade do interior que tivesse mais de quatro Faculdades. Muito lógico e justo, aliás. Foi aprovada por aclamação.

A noite, houve o tão esperado baile, que correspondeu plenamente pela sua animação e pela cordialidade que podia-se notar entre os congressistas de tôdas as delegações. Prolongou-se até altas horas da madrugada.

Sábado, finalizando a jornada dos congressistas, houve a "Sessão Solene de Encerramento", que contou com a presença de numerosa assistência, quando discursaram, entre outros oradores, os dois candidatos que participaram das eleições visando a presidência, Cláudio Jacopone, da Politécnica, o eleito, e o acadêmico Lavro Bueno de Azevedo, da Faculdade de Direito da U.S.P., que perdeu por uma diferença de 13 votos.

Foi intensa a experiência das diversas delegações, no tocante ao intercâmbio de idéias e a união de esforços visando o bem comum da classe universitária.



Fachada da Escola Luiz de Queiroz

e João, Eduardo Correa; e mais Edgar de Silvio Faria. Sobre os ombros de cada um destes elementos, a grave responsabilidade de representar condignamente e defender os interesses d'uma classe de universitários que sempre soubera conservar sua alta projeção e significado no panorama nacional.

Festivamente recebida por faixas de boas vindas, que davam um ar de gala à simpática e centenária cidade, constatou logo a delegação do "XI" as inúmeras vantagens do alojamento a ela destinado: um amplo pavilhão num velho e imponente ateneu, digno de Raul Pompéia, no qual, dadas as suas dimensões e isolamento, todos se puseram logo à vontade. Notava-se por toda a parte não só uma sincera e lisonjeira demonstração de hospitalidade, como também uma louvável compreensão acerca do significado de tão expressivo Congresso.

Em última análise, era toda uma confiança no sangue novo paulista, que ora afilha dos mais longínquos rincões de Piratininga para juntar-se num precipitado caudaloso, o qual poderia assumir os mais variados aspectos. Era uma esperança nos universitários paulistas, em seu idealismo, em sua consciência e objetividade. A delegação do Largo de São Francisco, particularmente, foi muito bem recebida, dada a sua projeção ímpar em todos os movimentos e campanhas dignas da atenção d'uma consciência cívica e patriótica.

SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO — BAILE

Marcada para as vinte horas de sábado dia 7, iniciou-se a

dejanter gramados e jardins, com diversos chafarizes, é um espetáculo imponente, deixando qualquer congêneres sua no continente americano. O bloco central da soberba Escola Agrícola, tendo pela frente gramado e bem cuidado jardim, foi bem lembradamente, comparado ao Capitólio, de Washington. E foi no Salão Nobre desse grandioso estabelecimento de ensino superior que realizou-se grande parte do Congresso.

Para o Presidente de Honra da Sessão Solene de Instalação, foi convidado o Vice-Reitor da U. S. P., professor Euripedes Simões de Paula, da Faculdade de Filosofia. Além do então Presidente da UEE, Osvaldo Lara Leite Ribeiro, tomaram assento à mesa que presidiu a sessão o Diretor da E.S.A. Luiz de Queiroz, professor Erico Rocha Nobre, o Prefeito da municipalidade, Dr. João Basile, e oradores representantes de várias Faculdades e Universidades.

Aberta a sessão, fez-se ouvir o Presidente do C.A. Luis de Queiroz, Jurandyr Frattinê, que, entre outras coisas, disse de sua satisfação em poder receber em Piracicaba colegas universitários de todo o Estado, o que era para ele, já, uma grande vitória. Após ele, falou Uriel Marcondes César, em no-

Aos sábados, no restaurante do Centro, feijoada à XI de Agosto

O PROBLEMA DO RESTAURANTE

VERBA PLEITEADA

O Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, acadêmico Luis Carlos Pereira Barreto, entrou em entendimentos com o Ministério da Educação e Saúde, no sentido de receber o restaurante daquele órgão associativo dos estudantes de Direito uma verba-auxílio, destinada a possibilitar uma melhoria das condições de higiene e do preparo de lanches e

de refeições na Faculdade. O Ministro da Educação, Prof. Cândido Motta Filho, bem como o Dr. José Salvador Julianelli, Diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar, do mesmo Ministério, foram de amabilidade sem par, dispondo-se ambos a ouvir o relato da situação em que se encontra no momento o restaurante, e prontificando-se a envidar o máximo

de seus esforços no sentido de conseguir que o Ministério realmente auxilie aquela setor do Centro Acadêmico XI de Agosto.

Este órgão informativo noticiará, em breve, todos os pormenores relacionados com o assunto, que, sem dúvida, é do interesse geral dos acadêmicos, que sempre lutaram pela melhoria dos departamentos de seu Centro Acadêmico.

O XI DE AGOSTO

ANO IV — ARCADAS, 7 DE JUNHO DE 1955 — N.º 3

Visita a Refinaria de Cubatão

Bem Impressionados os visitantes — Alto nível técnico e solicitude dos encarregados

Uma caravana de alunos da Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, esteve, no mês de maio último, em visita à Refinaria de Petróleo de Cubatão.

Essa caravana, chefiada pelo presidente do C. A. XI de Agosto, percorreu demoradamente as dependências da Refinaria, em companhia de alguns dos seus encarregados.

Ótima foi a impressão colhida pelos alunos, tanto com respeito ao alto nível técnico dos trabalhos ali realizados, como ainda em relação aos dignos elementos da Refinaria.

Estes, solícitos, apressaram-se a revelar aos estudantes um pouco do que ali se faz, fornecendo-lhes elementos para que conheçam, em justa medida, a importância de tais instalações na economia nacional.

Todavia, e isto cumpre ressaltar, embora com instalações dessa ordem consiga-se a redução das dificuldades, no que se refere ao consumo nacional de petróleo, não deve a sua existência importar no abandono da cruzada patriótica, que vise a extrair do petróleo brasileiro, que isto sim, seria a solução final do grave problema, e não um mero paliativo.

AGRIPPINO GRIECCO

Na Faculdade o notável crítico brasileiro — Conferência promovida pela Academia de Letras da Faculdade de Direito e pelo C.A. XI de Agosto

Proferiu interessante palestra na Sala do Estudante, da Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, no dia 23 último, o renomado crítico e apreciado conferencista, Agrippino Grieco.

LITERATURA PORTUGUESA

Fêz o conferencista, interessantíssima digressão sobre a literatura portuguesa, desde os seus primórdios até a atualidade.

Agradou sobremaneira a palestra de Agrippino Grieco, pois o notável crítico entremeou sua dissertação com declamações expressivas, dos mais líricos poetas de Portugal.

Foi também bastante alegre a noite, pois confirmando-se como crítico irreverente, Agrippino Grieco azucrinou com ditos chis-

tosos, as personalidades vivas e mortas de nossa literatura.

Encerrando, fêz o conferencista expressivo elogio a São Paulo e à sua mocidade, sendo demoradamente aplaudido.

PERSONALIDADES PRESENTES

Computaram a mesa os seguintes intelectuais: Elias Farah, presidente da Academia de Letras; Dalmo de Abreu Dallari, diretor cultural da Acafemia; Aristeu Seixas e Cleómenes Campos, da Academia Paulista de Letras; Fernando Whitacker e Dalmo Florence, ex-presidentes da Academia de Letras da Faculdade; Alvares Florence e Geraldo Vidigal.

Esteve, também, presente à conferência, o sr. cônsul de Portugal



No verso da foto acima, que se encontra nos arquivos da Academia de Letras, escreveu o grande crítico as seguintes palavras:

Aqui está a gente nova de São Paulo, a gente do meu coração e do meu espírito.

E é com eles que vivo, rejuvenescendo a minha pobre carcaça. Um abraço a todos por haverem constituído a quem estava longe da sua família, uma bela e generosa família.

São Paulo, 1955.

AGRIPPINO GRIECCO